

Instituto Superior de Psicologia Aplicada



PERCEÇÃO DAS RELAÇÕES FAMILIARES EM VÍTIMAS DE BULLYING
RAPAZES DE 11 E 13 ANOS

Daniela Sofia Lopes Sabino

Nº 14760

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Aplicada

Especialidade em Psicologia Clínica

2008

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

**PERCEPÇÃO DAS RELAÇÕES FAMILIARES EM VÍTIMAS DE BULLYING.
RAPAZES DE 11 E 13 ANOS**

Daniela Sofia Lopes Sabino

Dissertação orientada pela Professora Doutora Ângela Vila Real

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Aplicada

Especialidade em Psicologia Clínica

2008

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Prof. Dra. Ângela Vila Real, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº 19673/2006 publicado no Diário da República 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

AGRADECIMENTOS

Volvidos cinco anos, é chegado o momento de dar o passo final. Um passo que para mim representa a concretização de um sonho e a sensação de dever cumprido!

Começo por dirigir os meus agradecimentos à Dr.^a Ângela Vila Real por tudo aquilo que me ensinou, pela compreensão, pela atenção e pela disponibilidade constante.

Agradeço ao Director do Agrupamento Vertical de Portel, o Dr. Luís Ribeiro, por me ter concedido a oportunidade de aceder à escola e aos respectivos alunos.

Não deixarei de agradecer à Dr.^a Ana Rita Gião, à Dr.^a Mara Correia, à Dr.^a Dina Santos e aos vários professores e funcionários, pela forma como me auxiliaram na recolha da amostra.

Agradeço à minha família, por serem eles os verdadeiros mentores de todo este processo. Obrigada por todo o apoio!

Ao Helder, por todos os segundos, minutos, horas e dias de atenção. O meu obrigado especial por tão pacientemente ter escutado as minhas “catarses”!

Finalmente e como não poderia deixar de ser, agradeço a todos os alunos que tão gentilmente aceitaram participar neste estudo. Graças a eles, foi possível “dar corpo” a este trabalho.

A todos o meu sincero obrigado!

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
Bullying.....	3
Vítimas de Bullying.....	4
Pré-adolescência.....	5
Relações Familiares do Pré-adolescente.....	7
Relações Familiares das Vítimas de Bullying.....	8
A Ausência Real e Simbólica do Pai.....	10
Individuação e Luto das Imagos Parentais.....	11
Grupo de Pares e sua importância para o Pré-adolescente.....	12
O Presente Estudo.....	13
MÉTODO.....	16
Amostra.....	16
Instrumentos.....	16
Procedimento.....	19
APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	21
Resultados Individuais.....	21
Resultados dos Grupos.....	34
DISCUSSÃO.....	40
Vítimas de Bullying.....	40
Participantes Neutros.....	43
Vítimas de Bullying e Participantes Neutros de 11 Anos.....	45
Vítimas de Bullying e Participantes Neutros de 13 Anos.....	46
Vítimas de Bullying e Participantes Neutros.....	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	50
ANEXOS.....	55
Anexo A: Questões da Escala « Comportamento e Saúde em Jovens em Idade Escolar»	56
Anexo B: Declaração de Consentimento Informado.....	58
Anexo C: Distribuição dos Itens no Grupo Teste.....	60
Anexo D: Distribuição dos Itens no Grupo de Controlo.....	64
Anexo E: Protocolo FRT de uma Vítima de Bullying.....	68

Lista de Tabelas

TABELA 1: Distribuição da Amostra

Lista de Gráficos

GRÁFICO 1: Distribuição de Itens nos Participantes Neutros

GRÁFICO 2: Distribuição dos Itens nas Vítimas de Bullying

GRÁFICO 3: Direcção dos Afectos nas Vítimas de Bullying

GRÁFICO 4: Direcção dos Afectos nos Participantes Neutros

GRÁFICO 5: Dependência nas Vítimas de Bullying

GRÁFICO 6: Dependência nos Participantes Neutros

RESUMO

O presente estudo de carácter qualitativo tem como objectivo verificar se existem diferentes percepções das relações familiares em participantes neutros e em vítimas de bullying de 11 e 13 anos.

A amostra é constituída por um grupo teste (6 vítimas de bullying de 11 anos e 6 vítimas de bullying de 13 anos) e um grupo de controlo (6 participantes neutros de 11 anos e 6 participantes neutros de 13 anos), em que todos os participantes pertencem ao sexo masculino e são oriundos do Agrupamento Vertical de Portel (distrito de Évora).

Numa primeira fase os participantes responderam a duas questões da Escala «Comportamento e Saúde em Jovens em Idade Escolar» adaptada por Matos et al. em 2000, de forma a identificar agressores, vítimas e sujeitos neutros face ao bullying.

Posteriormente, aplicou-se o Family Relations Test de Bene e Anthony, com o fim último de analisar a percepção dos pré-adolescentes em estudo relativamente às suas relações familiares.

Os resultados obtidos confirmam a hipótese de que a percepção das relações familiares difere nos dois grupos: as vítimas de bullying envolvem-se mais com a Mãe do que com o Pai. Também se confirma a hipótese de que os rapazes vitimados consideram que a Mãe é super-protectora, ao contrário dos participantes neutros. Apenas se infirma a hipótese de que os participantes de 11 anos, quer sejam neutros ou vítimas se envolvam mais com o Pai, ao contrário dos participantes de 13 anos que se envolvem mais com a Mãe.

Palavras-Chave: vítimas; bullying; pré-adolescência; relações familiares.

ABSTRACT

This study is qualitative in nature as to ascertain whether there are different perceptions of family relationships in neutral participants and victims of bullying, 11 and 13 years.

The sample consists of a test group (6 victims of bullying of 11 years and 6 victims of bullying, 13 years) and a control group (6 neutral participants of 11 years and 6 neutral participants, 13 years), in which all participants are male and come from the Vertical Group of Portel (district of Évora).

Initially the participants answered two scale questions «Health Behavior in School-Age Youth» adapted by Matos et al. in 2000, to identify perpetrators, victims and neutral participants in the bullying.

Subsequently, the Family Relations Test from Bene and Anthony was applied, with the ultimate goal of analyzing the perceived pre-adolescents in the study regarding their family relationships.

The results confirm the hypothesis that the perception of family relationship differs in two groups: the victims of bullying had a stronger relationship with the Mother rather than the Father. It also confirms the hypothesis that the boys' victims believe that the mother is super-protective, unlike the neutral participants. Only the assumption that participants with 11 years old, either neutral or victims, are involved more with the Father comparing to 13 years old participants who are more involved with the Mother was rejected.

Key-Words: victims; bullying; pre-adolescence; family relationships.

INTRODUÇÃO

“ A família constitui um espaço de vida e uma pertença de referência, interpondo-se entre o indivíduo e a sociedade em que vive. Desempenha assim, um papel de regulação essencial com respeito às relações sociais no seu conjunto.” (Houzel, Emmanuelli & Moggio, 2004, p.389).

Nos primeiros anos de vida, a criança encara os pais como uma fonte de segurança, conforto e tranquilidade, o que muda radicalmente com a entrada na adolescência. Os pais passam a ser vistos como geradores de tensão e mal-estar (Zimmerman, 1999). Com o advento da puberdade e com as mudanças psicológicas que se fazem sentir, o jovem é confrontado com a necessidade de se desvincular emocionalmente dos objectos infantis interiorizados até então (Blos, 2003). Inicia assim, aquilo que Blos (2003) designou por «segundo processo de individuação».

O mesmo não se pode afirmar das vítimas de bullying, que por terem Mães super-protectoras (Olweus, 1992), ficam demasiado dependentes destas, o que afecta o seu processo de autonomização (Finnegan et al, 1998). São Mães muito controladoras e intrusivas, que se envolvem excessivamente nas actividades do filho (Smokowski & Kopasz, 2005), ao contrário do Pai que não estabelece qualquer tipo de envolvimento (Olweus, 1992).

As próprias vítimas de bullying, percebem a sua Mãe como super-protectora e excessivamente envolvida, considerando pertencer a um sistema familiar confuso (Bowers et al, 1994). Deste modo, as relações familiares representam um importante factor na vitimação por bullying (Bowers et al, 1994).

Mas porquê o interesse pelas vítimas de bullying? O bullying nas escolas é certamente um fenómeno antigo, mas só nos anos 70 se tornou objecto de estudo (Olweus, 1997). É um problema que se tem vindo a expandir, afectando um número cada vez mais elevado de sujeitos, verificando-se um acréscimo de 10 a 20% de vítimas (Revista Times, Janeiro 2005, citado por Branco 2006). Além disso, a maioria das investigações centra-se no estudo dos agressores e não das vítimas (Prinstein et al, 2001).

Vários estudos foram realizados no sentido de averiguar a influência da família na vitimação pelos pares (Renken et al, 1989; Olweus, 1980; Bowers et al, 1992; Rigby, 1994; Berdondini & Smith, 1996; Finnegan et al, 1998) e apenas um, abordou a percepção das vítimas de bullying relativamente às suas relações familiares (Bowers et al, 1994).

E porquê a pré-adolescência? Os estudos anteriores dedicam-se à infância e não à pré-adolescência, a qual tem vindo a adquirir uma atenção especial por parte dos investigadores, que se limitavam a estudar os adolescentes de maior idade (Blos, 2003).

A pré-adolescência é vista como uma das várias fases de desenvolvimento, que se inicia aos 11 anos e termina aos 13. Acarreta transformações de várias ordens e por isso decidiu-se comparar participantes que se encontram no início e no final desta fase, uma vez que cada faixa etária pode apresentar características muito distintas (Blos, 2003). Também é nesta fase que se verifica uma maior dependência do grupo de pares (Constanzo & Shaw, 1966; Coleman, 1980), o qual auxilia na separação da família (Relvas, 1996).

E porquê optar pelos rapazes e não pelas raparigas? É nos rapazes que existe a maior prevalência de vitimação por bullying (Olweus, 1997).

Assim, o presente estudo tem como objectivo comparar a forma como os pré-adolescentes neutros e vítimas de bullying, de 11 e 13 anos percebem as suas relações familiares.

Bullying

Foi no início da década de 70 que o bullying se tornou objecto de estudo sistemático, o que por vários anos, se confinou à Escandinávia. Apenas no final da década de 80 atraiu a atenção de outros países e actualmente é uma preocupação mundial devido à sua crescente ocorrência (Olweus, 1997).

Para Olweus (1997) o bullying é uma acção negativa e intencional, tendo como objectivo provocar danos e mal-estar no outro conseguindo com isso o seu controlo. Não ocorre de modo ocasional ou isolado mas sim repetidamente e ao longo do tempo, assistindo-se também a um desequilíbrio de poder, constituindo-se as vítimas como “presas fáceis”. É portanto uma relação assimétrica, caracterizada pela dominação.

O sujeito exposto a uma acção negativa apresenta dificuldades em defender-se e sente-se desamparado. Geralmente, o bullying ocorre sem uma provocação aparente (Olweus, 1997).

Este fenómeno pode ser conduzido por um indivíduo, que dá pelo nome de bullie, provocador ou agressor, ou por um grupo de indivíduos. O alvo do bullying pode também ser um indivíduo, a vítima, ou um grupo. No entanto, quando se trata de um contexto escolar, normalmente, o alvo é um indivíduo (Olweus, 1997).

O bullying distingue-se de outras formas de abuso, como o abuso de crianças e de mulheres, pelo contexto em que ocorre e pelas características da relação entre as partes intervenientes (Olweus, 1997).

Trata-se de um termo cuja tradução para a língua portuguesa gera alguma controvérsia, sendo a «provocação/ vitimação» ou «intimidação» as palavras que mais se aproximam (Carvalhosa et al, 2001). Todavia, Pereira et al (1994), referiram-se ao bullying como «agressividade/violência».

Vários são os tipos de bullying existentes, podendo ser físico, passando pelo verbal e indo até ao psicológico e/ou sexual (Carvalhosa et al, 2001). Distingue-se ainda, o bullying directo, que se refere aos ataques às vítimas e o bullying indirecto que diz respeito a uma forma de isolamento social e exclusão intencional do grupo e por isso de mais difícil detecção pelo adulto (Olweus, 1997).

Segundo Pereira et al (1994), os tipos de agressão que mais ocorrem nos jovens portugueses dos 6 aos 17 anos é verbal, seguindo-se a agressão física. Quanto aos locais de ocorrência, verificou-se que 78% das crianças foram agredidas no recreio, 33% na sala de aula, 28% nos corredores e escadas, 6% na cantina e 19% noutros locais, o que revela que os episódios de bullying tendem a ocorrer na ausência de vigilância do adulto (Smokowski & Kopasz, 2005).

Relativamente à prevalência deste fenómeno em Portugal, foi realizado um estudo no norte do país com indivíduos entre os 6 e os 17 anos, demonstrando que 22% dos alunos foram vitimados 3 vezes ou mais, ao passo que 36% foram vítimas em uma ou duas ocasiões (Pereira et al, 1994). Em Espanha, cerca de 7% de indivíduos entre os 9 e os 16 anos são vítimas de bullying violento, em França 13%, na Noruega 9% e na Alemanha o bullying duplicou ao longo de uma geração (Revista Times, Janeiro 2005, citado por Branco 2006).

Verifica-se um acréscimo de 10 a 20% de vítimas de bullying, afectando um número cada vez maior de crianças mais novas (Revista Times, Janeiro 2005, citado por Branco 2006). Com o aumento dos anos de escolaridade, a sua frequência diminui e os mais vitimados são os sujeitos do sexo masculino. Uma vítima de bullying, provavelmente continuará a sê-lo por períodos de tempo substanciais, a não ser que os esforços sistemáticos do adulto consigam inverter a situação (Olweus, 1997).

Vários são os estudos que indicam que a vitimação tende a decrescer com a idade, enquanto a agressão se mantém estável através do ciclo de vida (Smith et al, 1999).

Olweus (1997) sugere que nos rapazes, a vitimização se pode dever a características da personalidade e modelos de reacção típicos em combinação com a fraqueza física. Contribuem também, factores ambientais como as atitudes dos professores, as rotinas, etc.

Para a vítima de bullying ir à escola, significa estar em contacto permanente com uma situação que lhe causa mal-estar o que poderá desencadear inúmeras consequências ao nível da saúde física e mental. É por isso fundamental que se apele ao direito democrático, no sentido de tornar a escola num espaço onde o sujeito se sinta bem e possa estar a salvo da opressão e repetida humilhação intencional que é o bullying. Todo o Ser Humano deve sentir prazer em ir à escola ao invés de medo (Olweus, 1997).

Vítimas de Bullying

Para Boulton e Smith (1994, citado por Carvalhosa et al, 2001), a vítima é alvo de agressões e maus-tratos sem uma boa razão que o justifique.

Geralmente são descritas como sendo mais novas, fisicamente mais fracas que os pares e de estrutura pequena. Tendem a exhibir um auto-conceito desfavorável e a sua auto-estima pode ser tão diminuta, que se consideram merecedoras dos maus-tratos sofridos (Anderson et al, 2001).

São indivíduos mais inseguros e ansiosos que os estudantes em geral. Aquando de um ataque, reagem com choro e isolam-se logo de seguida. Sentem-se estúpidos, envergonhados e pouco

aprazíveis (Olweus, 1997). Possuem défices nas competências emocionais, tornando-se atractivos para os agressores (Olweus, 1997).

Através de entrevistas realizadas aos pais dos rapazes vitimados, Olweus (1997) comprovou que na infância eram crianças muito cautelosas e sensíveis. Rapazes com estas características e por combinação com a fraqueza física, provavelmente apresentam mais dificuldades em se afirmar no grupo de pares, do qual apenas recebem antipatia.

Podem apresentar resistência em ir à escola e quando vão revelam insegurança, o que possivelmente desencadeará mau rendimento escolar. Mais esporadicamente podem apresentar actos de auto-agressão e ideias auto-destrutivas ou de intenção suicida (Anderson et al, 2001). Na maioria dos casos são rejeitados pelos pares (Egan & Perry, 1998) e relacionam-se melhor com adultos, nomeadamente pais e professores (Olweus, 1997).

A vitimação pode também desencadear problemas de saúde física (sintomas psicossomáticos: enurese nocturna, alterações do sono, cefaleia, dor gástrica, desmaios, vômitos, dores em extremidades, paralisias, queixas visuais, síndrome do intestino irritável, anorexia e bulimia) e de saúde mental (sintomas depressivos, insegurança, ansiedade, agressividade, irritabilidade, isolamento e demonstração de tristeza) (Anderson et al, 2001).

O sentido destas relações não é claro, mas a maioria dos estudos sugere um círculo vicioso, no qual os sintomas acima referidos, parecem predispor à vitimação e são sem dúvida por ela seriamente agravados (Egan & Perry, 1998). Um exemplo disso é que a angústia causada pela vitimação poderia conduzir ao aparecimento de patologias, mas sujeitos com problemas como a depressão ou ansiedade podem tornar-se vítimas de bullying (Fekkes, 2005).

Olweus (1997) faz a distinção entre dois tipos de vítimas, as passivas, que constituem o maior grupo e as provocadoras, cuja diferença assenta sobretudo nos estilos de coping utilizados face ao bullying, o que pode ter implicações não só na resolução desses episódios como também ao nível de possíveis riscos futuros para as vítimas.

Pré-adolescência

Ultrapassada a fase da latência, o jovem encontra-se preparado para enveredar numa nova etapa da sua vida, a adolescência (Blos, 2003), mais precisamente a pré-adolescência, que corresponde ao período entre os 11 e os 13 anos de idade (Blos, 1966).

Trata-se de uma fase de transição, marcada por transformações de vária ordem, nomeadamente, físicas, cognitivas e psicológicas (Braconnier & Marcelli, 2000).

As transformações físicas, que no rapaz decorrem entre os 12 e os 14 anos e que coincidem com o princípio da adolescência (Cordeiro, 1979), dão pelo nome de puberdade. Esta consiste num conjunto de modificações fisiológicas e morfológicas que assinalam a maturação sexual e o aparecimento dos caracteres secundários. Constitui um dos períodos de maior importância para o desenvolvimento da sexualidade. O jovem sentem-se como que “bombardeado” por um conjunto de mudanças físicas, deparando-se com uma nova imagem corporal (Blos, 1966).

A nível cognitivo, a pré-adolescência assinala o início do pensamento formal, caracterizado pela subordinação do real ao possível, permitindo pensar acerca de um vasto conjunto de alternativas, prever as consequências de uma determinada acção e projectar-se no futuro (Piaget & Inhelder, 1993).

É o período em que se inicia o raciocínio hipotético-dedutivo e surge o interesse por grandes ideais e pela formulação de teorias de carácter abstracto (Piaget & Inhelder, 1993).

A inteligência entre o possível e o real acede a um nível tal, que a relação do jovem com o mundo se altera por completo (Marcelli & Braconnier, 2005).

Também a nível psicológico, as diferenças se fazem sentir. O jovem recém-chegado à pré-adolescência, faz-se acompanhar de uma estrutura psíquica mais estável, resultante da latência. O Ego está mais forte e ligado à realidade e o Superego menos rígido, porque mais autónomo. As defesas estão organizadas e as fantasias são menos ameaçadoras, permitindo sustentar os projectos do Ideal do Eu. Assim sendo, estão estabelecidas as condições para a busca de uma identidade e de novas identificações (Malpique, 1998).

O Ego é contemplado com novas experiências e o Superego sofre ataques abruptos, o que representa uma potencial interrupção no narcisismo do jovem. O Ego é o responsável pela reconstituição do sistema superego-ego-ideal com mais conteúdo realístico, sentindo menos a perda da onipotência narcísica, substituindo-a pela auto-estima (Josselson, 1980).

Há uma tentativa de separação do Ego parental, afrouxando as ligações edípicas, sem nunca as cortar por completo. Esta autonomia progride gradualmente rumo à estabilidade com o reconhecimento crescente de competência, ao mesmo tempo que o perigo de perda da continuidade regride. O Ego passa a controlar áreas outrora dominadas pelo Superego. Nesta fase, o papel do Ego é sobretudo defensivo, além de actuar na resolução de conflitos, visa ainda libertar-se do controlo ambiental externo, assim como da submissão ao Superego arcaico e punitivo (Josselson, 1980).

Mudança é aquilo que o jovem vê, quando olha para si e para aquilo que se encontra ao seu redor. Além do corpo, do modo pensar e do funcionamento psicológico, também o ambiente familiar mudou...

Relações Familiares do Pré-adolescente

O sistema familiar constitui o primeiro meio em que a criança se insere, sendo os primeiros anos de vida, fundamentais para o desenvolvimento da sua personalidade (Cordeiro, 1979).

A importância que a Mãe tem no desenvolvimento do indivíduo tem sido demonstrada por inúmeros estudos ao longo de décadas. A comprová-lo temos autores como Freud, Klein, Spitz, Bowlby, Mahler, Winnicott, entre outros. A Mãe, mais não é do que a prestadora dos primeiros cuidados que asseguram a sobrevivência física e impulsionam a formação do Ego (Malpique, 1998).

O Pai, mais afastado de questões biológicas, fica incumbido de veicular as interdições morais, as regras e a cultura. É o Pai quem introduz a triangulação e com ela, a distância, a diferença e a frustração. É o representante da proibição do incesto (Malpique, 1998).

Para o pré-adolescente, os pais são vistos como pessoas com quem pode partilhar actividades, discutir objectivos e problemas práticos. No entanto, não existe o reconhecimento de uma relação única com ambos os pais, mas antes uma relação com cada um deles em separado. Os pais reconhecem as necessidades do filho, mas em troca exigem obediência e respeito. (Youniss & Smollar, 1985).

A relação que estabelece com o Pai parece ser uma extensão da estrutura que tomou lugar no fim da infância. O jovem continua à procura da aprovação do Pai, acreditando que este tem conhecimentos acerca das regras sociais e por isso a sua função é introduzir o filho na sociedade. Trata-se de uma relação distante, baseada na autoridade, porém respeitosa (Youniss & Smollar, 1985).

A relação com a Mãe também envolve autoridade, mas apesar disso, o filho concorda que esta se interessa por si e vê uma monitorização da sua parte. Trata-se de uma relação mais próxima do que com o Pai, baseada na clareza e partilha de algumas confidências. A Mãe não se limita a dar conselhos e exigir o cumprimento de regras, também ouve os problemas do filho e mostra respeito pelos seus pontos de vista. Assim, a Mãe é vista como uma amiga, existindo manifestações de lealdade, gratidão e respeito para com ela (Youniss & Smollar, 1985).

Por ser a Mãe, aquela que desempenha um papel fulcral na estrutura familiar e tendo um maior envolvimento e ligação emocional com o filho, é precisamente em relação a ela que surge a maior necessidade de individuação, o que se manifesta numa maior ocorrência de conflitos, sobretudo no sexo masculino (Steinberg, 1981).

Blos (2003) discorda dos autores precedentes. Considera que no início da pré-adolescência (11 anos) o Complexo de Édipo positivo reaparece e com ele o medo e a inveja da Mãe arcaica. A angústia de castração é reactivada, assim como as lutas sadomasoquistas.

A relação entre Pai e filho é positiva, não existindo qualquer tipo de medo, competitividade ou hostilidade. O Pai é engrandecido e é visto como um aliado na luta contra a angústia de castração. Quando detentor de uma aparência forte, revela uma não sujeição à castração, o que transmite segurança (Blos, 2003).

Com o aumento progressivo do autocontrolo e a emancipação emocional, o rapaz termina a pré-adolescência (13 anos) sem medo da Mãe. Resolve o complexo de Édipo positivo, passa a identificar-se com a Mãe e reelabora o complexo de Édipo negativo, apegando-se passivamente ao Pai (Blos, 2003). A resolução deste permite integrar a identificação homossexual e organizar definitivamente o Ideal do Eu, o qual vai contribuir para a formação da identidade sexual, deixando para trás a bissexualidade que persistira até à latência (Blos, 1966).

Também os Irmãos constituem uma fonte de riqueza para o pré-adolescente e funcionam como objecto de duplo investimento: por um lado, as relações ambivalentes, caracterizadas por uma mistura de amor e amizade, com sentimentos de inveja e ciúme, por outro lado, o deslocamento dos conflitos com os pais (Zimmerman, 1999). Assim, geralmente a relação com os Irmãos assume a qualidade das relações actuais com os pais (Braconnier & Marcelli, 2000).

Não devemos negligenciar o contributo que os Irmãos dão para o processo de identificação, sobretudo os Irmãos mais velhos, que podem funcionar como modelos substitutos dos pais (Malpique, 1998).

Relações Familiares do Pré-adolescente Vítima de Bullying

Segundo Olweus (1992) as Mães dos rapazes vítimas de bullying são super-protectoras. Tratam os seus filhos como mais novos do que aquilo que na realidade são, infantilizando a relação e gerando um desenvolvimento psíquico e emocional aquém do aceite pelo grupo de pares (Neto, 2005).

Evitam situações em que o filho pode ficar exposto a conflitos, por considerá-lo incapaz de lidar com tais acontecimentos. No entanto, ao evitá-lo falham, porque o jovem fica impossibilitado de aprender formas adequadas de resolução de conflitos. Tendem a protegê-lo, por pensarem que se trata de um jovem ansioso e inseguro. São Mães muito controladoras

e intrusivas, que se envolvem excessivamente nas actividades do filho, de forma a compensar as suas deficiências sociais (Smokowski & Kopasz, 2005).

As próprias vítimas percebem a Mãe desta forma, considerando-a super-protectora e envolvida em demasia. Acreditam fazer parte de um sistema familiar confuso (Bowers et al, 1994).

O Pai não se envolve com o filho e a identificação com ele é pobre (Olweus, 1992).

Na maioria dos casos, as vítimas de bullying estabeleceram uma vinculação evitante-insegura com a Mãe, em que os cuidados por parte desta eram imprevisíveis, gerando um filho dependente, com baixa auto-estima e falta de confiança em si próprio (Renken et al, 1989).

Existem comportamentos típicos masculinos, como a independência e a afirmação, que são bastante valorizados no seio do grupo de pares, além de contribuem para a atribuição de uma posição de domínio na hierarquia, dando-lhes um sentido de adequação no mesmo. O seu desenvolvimento pode ser afectado pela super-protecção materna, o que dificulta a auto-defesa e a capacidade para enfrentar desafios (Finnegan et al, 1998). Assim, o pré-adolescente que falha na exibição de condutas típicas do seu sexo tende a ser rejeitado pelos pares ao mesmo tempo que experimenta angústias, depressão e baixa auto-estima, havendo uma internalização, assim como uma baixa auto-percepção de competências sociais no grupo de pares (Mollen et al, 1992).

Não menos importante é a forma como o rapaz reage aos conflitos com a Mãe. Caso vivencie estes conflitos com medo e submissão, vai responder a conflitos com os pares com ineficácia e desamparo, tornando-se um alvo fácil. Se por outro lado, desafia, provoca e reage com zanga face aos conflitos em casa, vai proceder da mesma forma com os pares, podendo vir a ser vitimado sobretudo se não se conseguir defender (Finnegan et al, 1998).

Desta forma, a vitimação nos rapazes, parece estar associada à combinação do medo como reacção ao conflito com a Mãe, à super-protecção por parte desta (Kochanska, 1995) e à existência de uma vinculação evitante e insegura (Renken et al, 1989).

Assim, a super-protecção parental pode afectar o desenvolvimento da autonomia, do pensamento e da acção, uma vez que, os rapazes podem adquirir competências de resolução de conflitos ineficazes, levando-os a sentir-se fracos e inadequados relativamente aos pares. A afectação do desenvolvimento de competências associadas ao género, actuando conjuntamente com factores do grupo de pares, culmina na vitimação, determinando as consequências subsequentes no desenvolvimento do pré-adolescente. A ansiedade, a submissão e o afastamento social também são fomentados (Finnegan et al, 1998).

Possuir uma família super-protectora, não constitui apenas uma causa do bullying, mas também uma consequência (Olweus, 1992).

A Ausência Real e Simbólica do Pai

Por analogia com Winnicott “*um Pai suficientemente bom é aquele que, pela sua presença, estimula e atende às necessidades do filho, mas que ama bastante a mulher para que não suporte por tempo demasiado a relação simbiótica da díade*” (Malpique, 1998, p. 98).

Cada sujeito possui um Pai real e um Pai imaginário, o primeiro que se caracteriza pela sua presença ou ausência real no tempo e no espaço e o segundo, que se assume como um objecto interno, uma Imago (Malpique, 1998).

A presença real do Pai é muito importante para a Mãe e para o filho, o que não implica que a sua ausência deixe obrigatoriamente o vazio. Tudo depende da Mãe e do modo como o Pai está presente no seu desejo e agir, o que influenciará o imaginário do filho (Malpique, 1998).

A perigosidade da ausência do Pai verifica-se com a excessiva idealização e não com o esquecimento. Reside no facto da Mãe não incluir o Pai no seu discurso e estabelecer com o filho uma relação simbiótica. Esta ausência fomenta a aproximação do jovem à Mãe e facilita as ligações de cariz ambivalente, em que a atracção fusional é tão forte como a necessidade de separação (Malpique, 1998).

A influência do Pai depende muito mais da qualidade do tempo e não da quantidade do mesmo que interage com o filho, existindo presenças mais ausentes do que uma ausência real (Malpique, 1998).

Tiller (1958, citado por Malpique, 1998) através do seu estudo, verificou que os filhos de Pai ausente são mais dependentes, revelam imaturidade social e idealizam mais. O autor pensa que tais resultados se devem à atitude da Mãe, que pela ausência do marido se torna repressiva e super-protectora. Esta ausência é mais lesiva para os rapazes.

No que concerne à identificação sexual, vários estudos realizados, mostram que as consequências da ausência do Pai se evidenciam mais nos rapazes do que nas raparigas. São menos masculinos no seu comportamento e preferências (Santrock, 1970).

Quanto ao desenvolvimento cognitivo, os jovens apresentam resultados mais baixos nos testes cognitivos e quanto mais precoce e prolongada for a ausência, mais graves são as consequências, sobretudo quando se trata de divórcio (Santrock, 1970).

Individuação e Luto das Imagos Parentais

Detentor de um novo corpo, o pré-adolescente encara a relação com os pais como uma possível reactivação dos conflitos edipianos, o que deixa a ameaça de incesto com o progenitor do sexo oposto eminente (Marcelli & Braconnier, 2005). O jovem toma consciência do perigo real, sentindo uma intensa angústia e culpabilidade, que se fazem acompanhar de uma perda de auto-estima. Para conseguir reorganizar todo o sistema relacional face às imagos parentais, o jovem sente a necessidade de se afastar dessas imagos, fazendo o seu luto, em busca de afirmação (Cordeiro, 1979).

Ocorre um «homicídio parental», em que os pais são suprimidos e o seu lugar é simbolicamente tomado (Braconnier e Marcelli, 2000). A vinculação, que desde o nascimento se estabelece com o prestador de cuidados, geralmente a Mãe, na pré-adolescência deixa de ser dirigida exclusivamente para essa figura, passando a dirigir-se para várias figuras do contexto extrafamiliar (Bowlby, 1969).

Assim, a pré-adolescência constitui o segundo passo no processo de individuação, tendo em conta que o primeiro ocorreu no fim do terceiro ano de vida, quando a criança experienciou a distinção entre «self» e «não self» (Blos, 2003). O que na infância, Mahler (1963, citado por Blos, 2003) designou como «*saída da casca*», na adolescência corresponde à “*desvinculação psicológica da família e uma vinculação simultânea com o contexto global da sociedade*” (Blos, 2003, p.172).

Eis então, que surge um paradoxo: a necessidade de separação dos pais e a necessidade de dependência destes (Braconnier & Marcelli, 2000), cujos desejos ambivalentes fazem o pré-adolescente depender e ao mesmo tempo repudiar o suporte do ego parental (Josselson, 1980). O pré-adolescente delicia-se com o sentimento de autonomia e tenta sentir-se diferente dos pais (Josselson, 1980), assumindo condutas de oposição e recusa (Braconnier & Marcelli, 2000). Pretende mostrar que é independente, reestruturando o superego, com o objectivo de se adaptar ao mundo dos adultos (Blos, 1966).

Todo este processo, tem como fim último, não só separar o jovem psicologicamente da realidade dos pais, como também separá-lo dos pais introjectados na infância (Josselson, 1980). Doravante, este trabalho de luto nunca decorre com tranquilidade, mas antes com sofrimento, por acarretar sentimentos de isolamento, solidão e confusão e por trazer alguma melancolia da infância. Pode despertar medo, pelo que muitos adolescentes tentam permanecer indefinidamente nesta fase transaccional do desenvolvimento (Blos, 1966).

Deixar para trás uma infância e com ela todo um conjunto de comportamentos, atitudes, sonhos, prazeres e tantas outras coisas, é uma tarefa difícil mas fundamental para todos os adolescentes. É uma renúncia necessária, mas não total. Pelo caminho ficam todos os objectos infantis e o colo materno, mas o jovem levará consigo, todos os elos que o ligam à infância, todas as recordações e alguns traços de carácter (Braconnier & Marcelli, 2000).

Ao concluir esta missão com sucesso, o adolescente sente-se preparado para investir num novo objecto heterossexual, alheio à família (Cordeiro, 1979).

Grupo de Pares e sua Importância para o Pré-adolescente

A inserção do pré-adolescente no grupo de pares é estritamente necessária e saudável, por facilitar a separação da família (Relvas, 1996), funcionando inclusivamente como um substituto desta (Blos, 2003).

Num momento em que os laços de dependência infantil se quebram, o grupo proporciona uma experimentação interactiva, ao mesmo tempo que apazigua os sentimentos de culpa despoletados pela separação dos pais (Blos, 2003). No entanto, estes continuam a funcionar como “figuras de vinculação na reserva” (Weiss, 1982, citado por Ferreira & Ferreira, 2000), às quais o rapaz retorna quando confrontado com situações de grande pressão (Ferreira & Ferreira, 2000).

O grupo de pares também permite responder a necessidades educativas e sociais, fazendo com que o jovem se sinta realmente integrado na sociedade (Braconnier & Marcelli, 2000). Neste, o jovem pode afirmar-se e confirmar-se, ignorando as hierarquias. Existe competição, solidariedade, assim como a definição de limites na relação com os pares (Relvas, 1996).

É com os amigos que o pré-adolescente realiza muita da aprendizagem interpessoal no âmbito das relações de objecto. Os jovens tendem a ter pares que amam e pares que odeiam, assim como um par pode mudar de estatuto de melhor amigo num dia a pior inimigo no outro. Com o avançar do tempo, os afectos são modulados e o jovem torna-se capaz de experimentar a ambivalência na amizade, conseguindo reconhecer simultaneamente as suas qualidades positivas ou negativas (Josselson, 1980).

O isolamento numa idade, em que o contacto e a interacção são tão importantes, revela inibição e timidez, o que pode evoluir para uma fobia social ou para uma perturbação da personalidade (Braconnier & Marcelli, 2000).

Segundo Kuhlen & Lee (1943), o que torna um pré-adolescente popular no grupo, é a alegria, a amizade e o entusiasmo. Deve ser divertido, comunicativo e tomar a iniciativa em diversas

actividades. Também uma personalidade forte se associa a uma maior aceitação por parte dos pares (Gronlund & Anderson, 1957).

A posição do rapaz na elite é influenciada pela aparência física e competências desportivas (Wheeler, 1961) e não pelo bom desempenho académico (Coleman, 1980).

É entre os 11 e os 13 anos que existe uma maior dependência e conformidade com o grupo de pares (Constanzo & Shaw, 1966; Coleman, 1980), que se assume de extrema importância neste período (Marcelli & Braconnier, 2005; Ferreira & Ferreira, 2000).

A amizade funciona como um suporte no decorrer da adolescência (Coleman, 1980).

O Presente Estudo...

É consensual que o grupo familiar é de extrema importância para a estruturação do psiquismo da criança e futuro adolescente (Zimmerman, 1999).

O rapaz pré-adolescente estabelece um maior envolvimento e ligação emocional com a Mãe, surgindo por isso uma maior necessidade de autonomização em relação à mesma (Steinberg, 1981). Com o ressurgimento do Complexo de Édipo positivo e negativo, aos 11 e 13 anos respectivamente, o jovem toma consciência de que os seus desejos incestuosos podem emergir e por isso é fundamental romper com os laços edipianos (Blos, 1966).

Trata-se de uma transição necessária, capaz de produzir uma reorganização na relação com os pais. É essencial que o pré-adolescente se distancie destes, para conseguir aceder a uma definição de si próprio (Zimmerman, 1999).

Porém, a separação traz consigo um enorme vazio, conduzindo o jovem numa busca incessante de um novo objecto de amor extrafamiliar, constituindo o grupo de pares, um apoio fundamental nesta tarefa (Cordeiro, 1979). É precisamente entre os 11 e os 13 anos que existe uma maior dependência e conformidade com o grupo (Coleman, 1980).

Nas vítimas de bullying, a aproximação do grupo de pares fica comprometida. Comparativamente com os colegas (agressores e sem envolvimento no bullying), são aquelas que pior se sentem na escola, pois é neste contexto que a vitimação mais se verifica (Martins, 2005). São rejeitadas pelos pares, sentindo-se sozinhas e abandonadas, tendendo por isso a isolar-se. Além de não possuir um grupo de amigos, normalmente também não possuem um único bom amigo (Olweus, 1997).

Esta situação agrava-se com a super-protecção exercida pela Mãe destes indivíduos, que os torna extremamente dependentes, interferindo com o desenvolvimento de comportamentos

típicos masculinos. O rapaz sente-se inadequado relativamente ao grupo de pares, reduzindo o seu envolvimento com este (Finnegan et al, 1998).

O Pai da vítima de bullying, mesmo que presente fisicamente, está ausente a nível emocional, não mantendo qualquer tipo de envolvimento com o filho. A Mãe envolve-se, mas numa atitude de controlo (Olweus, 1992).

Uma vez que os pré-adolescentes neutros e as vítimas de bullying provêm de famílias com características gerais diferentes e que as últimas são bastante dependentes da Mãe e não podem contar com o apoio do grupo de pares para mais facilmente se separar dos pais, o problema que se coloca é saber se existem diferenças na percepção das relações familiares dos sujeitos de ambos os grupos de 11 e 13 anos.

O pré-adolescente mantém uma boa relação com o Pai, mas encontra-se mais ligado emocionalmente à Mãe. A relação com o Pai baseia-se no respeito e autoridade, ao passo que com a Mãe, se caracteriza por uma maior proximidade. Geralmente, a Mãe tem uma participação activa na vida do filho, interessando-se pelos seus problemas e interesses. O sujeito percebe-a não só como Mãe, mas também como amiga (Youniss & Smollar, 1985).

O mesmo não se passa com as vítimas de bullying, cuja relação com a Mãe não se baseia na partilha e amizade, mas sim no controlo (Smokowski & Kopasz, 2005), tornando-se altamente dependentes desta (Finnegan et al, 1998). Por sua vez, o envolvimento com o Pai é nulo (Olweus, 1992).

Assim, acredita-se que as vítimas de bullying e os participantes do grupo de controlo percebem as suas relações familiares de forma diferente. Espera-se que as primeiras se envolvam mais com a Mãe e menos com o Pai, do que os participantes neutros.

Segundo Olweus (1992) a Mãe dos rapazes vitimados é super-protectora, controladora e intrusiva (Smokowski & Kopasz, 2005) e é percebida como tal pelas vítimas (Bowers et al, 1994). Este comportamento da Mãe contribui para um desenvolvimento deficitário de comportamentos típicos do sexo masculino (Finnegan et al, 1998). A relação que cria com o filho é infantilizada, dando origem a um desenvolvimento psíquico e emocional fraco (Neto, 2005). O envolvimento entre Pai e filho é inexistente, assim como a identificação (Olweus, 1992).

Desta forma, espera-se que as vítimas de bullying considerem receber uma super-protecção excessiva por parte da Mãe, ao contrário dos participantes do grupo de controlo.

Aos 11 anos, o pré-adolescente revive o Complexo de Édipo positivo, surgindo a angústia de castração em relação à Mãe arcaica. O rapaz afasta-se desta e aproxima-se do Pai que considera bom, o que representa uma operação defensiva. Há um engrandecimento do Pai que atenua o medo da Mãe, ou seja, o rapaz admira o progenitor do mesmo sexo e trava o amor que sente pelo progenitor do sexo oposto (Blos, 2003).

Aos 13 anos e portanto no final da pré-adolescência, o complexo de Édipo positivo dá-se por encerrado, dando lugar ao complexo de Édipo negativo. O rapaz ama o Pai, sentindo a necessidade de transferir para ele toda a agressividade. O medo sentido pela Mãe desvanece-se, permitindo que o rapaz se identifique com esta (Blos, 2003).

Espera-se, portanto, que os participantes de 11 anos, quer sejam neutros ou vítimas se envolvam mais com o Pai e os participantes de 13 anos com a Mãe.

MÉTODO

Amostra

A amostra é constituída por um total de 24 pré-adolescentes, do sexo masculino. Constituíram-se dois grupos, um grupo teste composto por 12 vítimas de bullying e um grupo de controlo também composto por 12 participantes neutros. Cada um destes grupos apresenta uma igual distribuição em termos de idade (11 e 13 anos), uma vez que se pretende comparar a percepção que os pré-adolescentes de ambos os grupos e de diferentes idades têm das relações familiares. Não foi feita qualquer distinção entre vítimas de bullying passivas e provocadoras. Também não houve um controlo prévio acerca da presença real do pai, verificando-se, após a recolha da amostra que uma das vítimas de bullying de 11 anos e quatro de 13 anos tinham o pai fisicamente ausente, contrariamente aos participantes do grupo de controlo, que contavam com a presença física do pai.

Todos os participantes pertencem à zona de Évora e foram recolhidos no Agrupamento Vertical de Portel, utilizando-se uma amostragem não aleatória objectiva. Este estudo é não-experimental, descritivo e comparativo.

Tabela 1: Distribuição da Amostra

	Distribuição em termos de Idade	Número de Sujeitos
Grupo de Controlo	11 Anos	6
	13 Anos	6
Grupo Experimental	11 Anos	6
	13 Anos	6

Instrumentos

1º) Duas questões da Escala «Comportamento e Saúde em Jovens em Idade Escolar» adaptada por Matos, Simões, Carvalhosa, Reis e Canha em 2000.

Estas questões foram colocadas com o fim último de identificar vítimas de bullying e pré-adolescentes neutros, ou seja, que não se enquadrassem nem no grupo das vítimas nem no grupo dos agressores.

Foram incluídas algumas questões, como o número de aluno, a data de nascimento, sexo e número de irmãos.

Para nos certificarmos de que os jovens compreendiam o que se pretendia dizer com provocação (bullying) foi-lhes lido o seguinte texto: «As questões que se seguem dizem respeito a situações de provocação. Deves entender uma acção de provocação quando um aluno (mais velho ou mais forte), ou um grupo de alunos, dizem ou fazem coisas desagradáveis a outro ou gozam com ele de uma forma que ele não gosta nada. Não é provocação quando dois alunos da mesma idade ou tamanho se envolvem numa discussão ou briga.» Seguiam-se então, as questões, sendo a primeira relativa à vitimação e a segunda à provocação. Quantas vezes neste ano lectivo (a) «foste provocado na escola» e (b) «tomaste parte em provocações a outros estudantes». Consideraram-se vítimas, os alunos que responderam várias vezes durante a semana na alínea a) e nenhuma na alínea b), ao passo que se aceitaram como neutros aqueles que responderam nenhuma nas duas alíneas (Ver Anexo A).

2º) Family Relations Test (FRT) de Bene e Anthony

Numa segunda fase, aplicou-se o Family Relations Test, quer a ambos os grupos, uma vez que era nossa intenção apreender a forma como o rapaz pré-adolescente encara a família e exprime os seus sentimentos em relação a esta, sobretudo as figuras parentais.

Este teste tem como objectivo, avaliar atitudes e sentimentos do pré-adolescente em relação à família. Estuda as relações e tensões familiares tal como são vividas pelo jovem e as relações emocionais estabelecidas entre os elementos. Pretende-se, portanto, apreciar a dinâmica familiar e discriminar alterações significativas nas relações familiares (Bene & Anthony, 1957).

É composto por 21 caixas de cartão com figuras humanas coladas na lateral, que representam elementos de ambos os sexos e de várias idades. Existe uma figura apresentada de costas, designada “Sr. Ninguém”. Existe ainda uma caixa com 86 cartões de afirmações. O sujeito deverá escolher personagens que representem elementos da sua família e atribuir a cada um deles os cartões com sentimentos que considerar adequados. É-lhe explicado que os cartões que não se adequam a ninguém, sejam entregues ao “Sr. Ninguém”. Isto possibilita uma

defesa face a sentimentos reprimidos ou que se revelam impróprios para atribuir ao próprio ou aos outros (Bene & Anthony, 1957).

Existem 68 itens que exprimem sentimentos fortes de amor ou de ódio (erotizados ou agressivos) ou sentimentos menos intensos de ternura e rejeição. 36 destes itens partem do pré-adolescente e dirigem-se aos outros ou ao próprio (outgoing + e outgoing -), ao passo que 32 dos itens exprimem sentimentos recebidos pelo pré-adolescente, isto é, que ele supõe ou deseja que lhe sejam dirigidos (incoming + e incoming -) (Bene & Anthony, 1957)..

Por último, pretende-se averiguar a forma como o pré-adolescente contempla ou deseja a distribuição do afecto dos pais sob a forma de dependência (18 itens) através da superprotecção materna e indulgência por parte do pai ou da mãe. No presente teste, a indulgência está associada ao afecto e não tanto à benevolência (Bene & Anthony, 1957).

Alguns exemplos:

12- Às vezes gostava de dormir na mesma cama com esta pessoa da minha família.

77- Esta pessoa da minha família não gosta suficientemente de mim.

90- O pai acha que esta pessoa da minha família é a mais simpática de todas.

Através da quantificação é possível aceder ao envolvimento total (positivo ou negativo) com cada um dos elementos (soma total de itens atribuída a cada figura). O envolvimento é ambivalente quando nem a soma de itens (+) nem a dos (-) excede 2/3 do total.

Também é possível analisar a discrepância entre os sentimentos dirigidos pelo pré-adolescente (outgoing) e os recebidos por ele (incoming) e a partir destes verificar o balanço entre os sentimentos positivos e negativos (Bene & Anthony, 1957).

Podemos ainda, averiguar a dependência (superprotecção materna e indulgência paterna/materna) e a sua distribuição pelas diversas figuras, assim como proceder a uma análise dos itens atribuídos ao Ninguém, como forma de avaliar os movimentos defensivos (Bene & Anthony, 1957).

Vários são os mecanismos de defesa que o FRT permite evidenciar. A negação, que se manifesta pelo elevado número de itens (+) e (-) no Ninguém. No deslocamento, é visível um maior investimento das figuras periféricas, comparativamente com as figuras centrais e o próprio. A idealização pronuncia-se quando o pré-adolescente usa um número exagerado de itens (+) nos membros da família, atribuindo a maior parte dos itens (-) ao Ninguém. Por fim, é possível encontrar a regressão a partir do momento em que o sujeito atribui mais itens ao próprio, os quais expressam sentimentos de superprotecção e indulgência (Bene & Anthony, 1957).

Bene & Anthony (1957) também fazem referência às respostas egocêntricas, as quais contêm elementos de amor e ódio ao próprio, o que dá indicações quanto à autovalorização e tendência regressiva.

Bene & Anthony (1957), afirmam que o FRT é válido e razoavelmente fiável. Também Kauffman (1971) sugere que o FRT é válido para explorar e interpretar aspectos da dinâmica das relações familiares e para discriminar diferenças significativas nas relações familiares entre sujeitos provenientes de diferentes populações.

Procedimento

Contactou-se uma escola em Portel, no distrito de Évora, nomeadamente o Agrupamento Vertical de Portel, onde se procedeu à recolha da amostra.

Optou-se pela aplicação do questionário a duas turmas de 6º ano e as duas turmas do 8º ano, por serem estas, as que continham mais alunos com as idades pretendidas.

Depois de uma breve explicação acerca da investigação, foi pedida a colaboração dos sujeitos para participarem neste estudo.

Inicialmente, os alunos responderam a duas questões da Escala «Comportamento e Saúde em Jovens em Idade Escolar» adaptada por Matos et al. em 2000, (ver Anexo A) acerca da provocação. O texto inicial foi lido em voz alta e todas as dúvidas foram retiradas.

Depois de identificadas as vítimas e os participantes neutros, e visto tratar-se de uma temática delicada, contactaram-se os encarregados de educação via telefone, de forma a explicar o conteúdo do trabalho e a solicitar a sua autorização para a participação dos seus educandos. Também se enviou uma declaração de consentimento informado (ver Anexo B).

De forma a manter a integridade física dos participantes, especialmente das vítimas e evitar retaliações por parte dos agressores, falou-se com cada um dos sujeitos individualmente, com o apoio do Director de turma, mantendo o maior sigilo possível para explicar a segunda fase do trabalho e nos casos em que houve aceitação, marcou-se uma sessão individual com o sujeito.

As sessões individuais tiveram lugar após o período de aulas. Tentou-se iniciar cada uma delas com uma conversa informal, de forma a desinibir os sujeitos e a promover a aproximação de ambos os intervenientes no processo. Explicou-se que tudo o que ali se falasse seria confidencial. Também se falou um pouco acerca do seu agregado familiar, nomeadamente, a situação dos pais (casados/divorciados), número de irmãos, situação na fratria e com quem vive. Por último, aplicou-se o Family Relations Test, de Bene e Anthony.

Depois dos dados recolhidos e de forma a testar as hipóteses colocadas, procedeu-se à análise dos mesmos, calculando-se médias e construindo gráficos, através do programa Origin.

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Resultados Individuais

Vítimas de Bullying – 11 Anos

Participante 1

Este participante vive com os pais e o Irmão de 6 anos. Manifesta um maior envolvimento com o Pai, o qual é positivo. O envolvimento com a Mãe também é positivo, ao contrário do que mantém com o Irmão, que é negativo.

A troca de sentimentos entre Pai e filho é recíproca. Todavia, também é do Pai que recebe o maior número de sentimentos negativos, o que mostra que o sujeito o considera ambivalente. A Mãe investe mais no filho, do que este na Mãe. Os sentimentos negativos são dirigidos maioritariamente para o Irmão, deixando clara a existência de uma rivalidade fraterna.

O indivíduo não dirige qualquer sentimento a si próprio, parecendo não se valorizar. Do seu ponto de vista, a Mãe é super-protectora para com ele, revelando assim, um movimento regressivo e alguma dependência em relação a esta. No entanto, considera não existir indulgência materna e paterna, atribuindo os seus itens ao Ninguém.

Há um recurso repetido à negação, pela atribuição excessiva de itens negativos ao Ninguém, o que revela alguma culpabilidade.

Participante 2

Vive com os pais e duas irmãs, uma de 19 anos e outra de 16 anos.

Atribui um número reduzido de itens aos pais, deixando transparecer uma relação marcada pela distância e falta de afectividade.

A Mãe investe pouco no filho, o qual considera que esta lhe dirige mais sentimentos negativos que positivos. A troca de sentimentos entre Pai e filho é fraca ou inexistente, visto que o Pai não o faz e o filho apenas lhe dirige sentimentos de índole negativa. Contudo, é com o sujeito que o Pai é mais indulgente, o que demonstra uma relação contraditória.

De modo a evitar rivalizar com uma das Irmãs, o sujeito distribui os sentimentos por ambas, de forma quase idêntica. Apesar de ambivalente, o envolvimento com estas, é maior do que com o Pai. Atribui o mesmo número de sentimentos positivos a ambas e considera receber o mesmo em troca.

Atribui um único sentimento a si próprio, o qual é negativo, revelando uma forte auto-desvalorização. No entanto, considera que a Mãe é super-protectora consigo. Tendo em conta que a relação Mãe-filho é bastante fraca, a protecção excessiva pode revelar uma Mãe intrusiva e pouco afectuosa.

Tanto a indulgência materna como a paterna distribuem-se de igual modo pelo sujeito.

O jovem recorre à formação reactiva com as Irmãs, no sentido de ocultar os sentimentos negativos e evitar um conflito.

Participante 3

O sujeito vive com os pais e uma irmã de 17 anos.

Apresenta um maior envolvimento com a Mãe, o qual é de carácter positivo. Dirige a esmagadora maioria de sentimentos positivos para esta e negativos para o Pai. É ambivalente na sua relação com a Irmã.

A Mãe investe o filho, dirigindo-lhe todos os sentimentos positivos, o que denota uma relação mãe-filho de reciprocidade, em que ambos dão, mas também recebem. Tanto o Pai como a Irmã revelam algum afastamento do jovem, pelo pouco afecto que lhe dirigem. Além disso, na sua opinião é do Pai que recebe mais sentimentos negativos.

Mostra-se ambivalente em relação a si próprio e utiliza a formação reactiva.

Relativamente à super-protecção, considera que a Mãe é protectora com toda a família, especialmente com os filhos. O jovem encara-se a si e à sua família como altamente dependentes da Mãe, patenteando o seu comportamento regressivo.

A indulgência materna é mais pronunciada no sujeito, apesar da sua diferença em relação aos restantes elementos da família ser mínima. Por sua vez, a indulgência paterna dirige-se maioritariamente à Mãe.

Esta Mãe é altamente idealizada pelo participante. Além de nutrir por ela um grande amor, ainda a percebe como a Mãe perfeita que ama todos elementos da família.

Participante 4

Este participante vive com os pais e a Irmã de 9 anos. Envolve-se mais com esta, seguindo-se a Mãe, estabelecendo com elas uma relação positiva.

Apesar de existir um forte envolvimento com a Irmã, este sujeito parece ter uma relação melhor com a Mãe, visto que toda a troca afectiva que se estabelece entre ambos, é marcada única e exclusivamente por sentimentos positivos, ao contrário da relação com a Irmã onde também existem sentimentos negativos. Assiste-se a uma rivalidade com esta e a alguma

ambivalência relativamente aos sentimentos que esta dirige ao sujeito. Embora, a relação com o Pai seja boa é mais distante do que aquela que mantém com a Mãe.

Direcciona poucos sentimentos para si, mas todos eles são positivos, revelando alguma valorização pessoal. O facto de não atribuir sentimentos negativos a si próprio pode revelar um evitamento da direcção da agressividade para si.

Na sua opinião, existe uma distribuição equivalente da super-protecção e indulgência pelos vários elementos da família, o que mostra uma idealização desta, em que os pais protegem e cuidam de todos de igual forma. Assim, evita a exclusão de algum familiar e um conseqüente conflito com este. Há uma manifestação de comportamentos regressivos.

No que concerne a mecanismos de defesa, é notável o uso excessivo da negação. O sujeito atribui inúmeros itens negativos ao Ninguém. Nota-se alguma culpabilidade, sendo incapaz de atribuir muitos sentimentos negativos à família, de forma a torná-la perfeita.

Participante 5

Este participante tem duas irmãs (24 e 19 anos), mas vive com a Mãe e a irmã mais nova. Os pais estão divorciados.

Apresenta um envolvimento mais forte com a Mãe, o qual é positivo e se assemelha bastante àquele que é mantido com as Irmãs.

Com o divórcio dos pais, o jovem vê o Pai com pouca frequência, o que provavelmente o deixa zangado e magoado. A comprovar isto está o facto do sujeito excluir o Pai do teste, como se este estivesse realmente excluído da sua vida. Acreditamos que esta ausência masculina tenha propiciado a sua aproximação da Mãe, na tentativa de ocupar o lugar abandonado pelo Pai.

A Irmã mais velha é aquela que recebe mais sentimentos positivos por parte do sujeito, ao contrário da Irmã mais nova, que recebe a maioria de sentimentos negativos. A Mãe recebe mais sentimentos de índole positiva do que negativa. Segundo o jovem, é da Mãe que recebe a maioria de sentimentos positivos, seguindo-se a Irmã mais velha, mas da mais nova só provêm negativos.

Fica claro que o sujeito estabelece uma relação mais saudável com a Irmã mais velha do que com a Irmã mais nova, existindo uma rivalidade com esta.

A auto-desvalorização por parte do jovem é notável. Não atribui qualquer sentimento a si próprio. Parece sentir-se excluído desta família.

A super-protecção materna está presente neste agregado familiar, a qual é maioritariamente dirigida ao sujeito, o que permite caracterizá-lo como dependente da Mãe. A indulgência

materna é distribuída pelos três filhos, sendo idêntica no sujeito e na Irmã mais nova, o que pode acentuar os ciúmes que sente em relação a esta. O sujeito revela comportamentos regressivos. Todos os itens correspondentes à indulgência paterna são atribuídos ao Ninguém, o que mais uma vez confirma a exclusão do Pai deste agregado familiar.

O sujeito faz uso da negação como mecanismo de defesa, ao atribuir a esmagadora maioria de itens negativos ao Ninguém, o que faz por culpabilidade.

Participante 6

Vive com os pais e o Irmão de 8 anos. Apresenta um forte envolvimento com a Mãe, cujo carácter é positivo. O envolvimento com o Pai e o Irmão é muito mais fraco quando comparado com o que estabelece com a Mãe.

O jovem é ambivalente relativamente aos sentimentos que dirige à Mãe. Porém esta é a sua principal fonte de amor. Pai e filho são ambivalentes um com o outro, apesar do filho considerar que recebe mais amor do Pai, do que aquele que lhe dirige.

Pelo reduzido número de itens que atribuiu ao Irmão, podemos supor que a interação que estabelecem é mínima. O sujeito dá por isso sinais de algum isolamento e rivalidade em relação ao Irmão.

Não atribui sentimentos a si próprio, mostrando uma ausência de valorização pessoal.

Tanto a super-protecção como a indulgência (materna e paterna) são dirigidas quase por completo ao sujeito, o que mostra a sua dependência materna e a necessidade de regredir à infância, aos cuidados maternos.

Recorre à negação, mas não de uma forma excessiva. Também recorre à formação reactiva com o Pai, substituindo os sentimentos negativos, por sentimentos positivos.

Vítimas de Bullying – 13 Anos

Participante 1

Vive com a Mãe e o Irmão de 20 anos. Os pais estão divorciados.

Apresenta um envolvimento maior com o Irmão, o qual é de índole negativa.

É a Mãe quem recebe mais sentimentos positivos, ao contrário do Pai e do Irmão. Apenas dirige sentimentos negativos ao Irmão e a si próprio. Constata-se por isso que é um jovem de baixa auto-estima, sendo que, apenas dirigiu um sentimento positivo a si próprio.

Considera receber sentimentos positivos, principalmente da Mãe, seguindo-se o Pai. A Mãe apenas lhe dirige um sentimento negativo. Já do Irmão recebe mais sentimentos negativos do que positivos.

Verifica-se por isso a existência de uma rivalidade fraterna. Na ausência do Pai, o sujeito sente-se ameaçado pelo Irmão, travando com ele uma luta pela Mãe.

Segundo o sujeito, a super-protocção e a indulgência maternas dirigem-se sobretudo para si, revelando um verdadeiro comportamento regressivo e dependente. O Pai parece-lhe pouco indulgente e quando o é, é com a Mãe.

O sujeito recorre à negação, mas não de forma excessiva.

Participante 2

Vive com a Mãe e a Irmã de 20 anos. O Pai é emigrante. É com a Mãe que o sujeito mais se envolve, o que faz de forma negativa.

O jovem não considera a Mãe merecedora de sentimentos positivos, mas sim o Pai e a Irmã, atribuindo-lhe por isso, muitos sentimentos negativos. O Pai não recebe sentimentos negativos e a Irmã recebe apenas um.

O sujeito pensa receber carinho apenas por parte do Pai e da Irmã. A Mãe é vista como pouco afectuosa, afastando-se dela. Talvez esta adoração pelo Pai, mais não seja do que uma idealização pelo facto deste estar ausente.

O sujeito sente-se desvalorizado, e a situação tende a agravar-se pela falta de investimento por parte da Mãe. Trata-se de uma Mãe que na opinião do jovem é super-protectora com ambos os filhos, o que os torna dependentes e não amados. Por outro lado, a indulgência materna dirige-se exclusivamente à filha e não ao filho, o que lhe pode despoletar alguns ciúmes. O Pai que tanto ama é indulgente consigo. Fica patente o seu comportamento regressivo.

Participante 3

Este participante vive com a Mãe e a Irmã. Os pais estão divorciados.

Envolve-se sobretudo com a Irmã, apesar de se tratar de um envolvimento negativo.

A relação Mãe-filho parece ser gratificante, pela troca de sentimentos positivos que existe. Com o Pai ocorre precisamente o oposto. Após o divórcio dos pais, o tempo que o filho interage com o Pai é diminuto, o que provavelmente o perturba e magoa. Assim, o jovem expressa a irrelevância deste Pai na sua vida ao atribuir-lhe apenas dois sentimentos negativos, um dos quais vem comprovar tudo isto - item 34: “Às vezes acho que era mais feliz se esta pessoa não fosse da minha família”. A ausência do Pai fê-lo aproximar-se da Mãe.

A existência de rivalidade fraterna é óbvia, pelo número excessivo de sentimentos negativos que o sujeito dirige e recebe da Irmã.

Não atribui qualquer tipo de sentimento a si próprio o que mostra uma ausência de valorização pessoal e baixa auto-estima.

Vê a sua Mãe como super-protectora em relação a si, o que nos retrata um jovem com necessidades regressivas e de extrema dependência materna. Percepciona os pais como pouco indulgentes, especialmente o Pai.

Participante 4

Vive com os pais e com o Irmão de 7 anos. Apresenta um envolvimento mais próximo com o Irmão, o qual é bastante contraditório, pela proporção exacta de sentimentos positivos e negativos.

Pelo número reduzido de sentimentos que atribui, a relação com o Pai parece ser distante e marcada por uma ambivalência acentuada, tanto nos sentimentos que dirige ao Pai, como nos que este dirige ao filho. O jovem recorre à formação reactiva em relação ao Pai.

A relação com a Mãe também é distante, mas não ambivalente. Embora a diferença seja mínima, o sujeito considera que a Mãe lhe dirige mais sentimentos do que o inverso.

Dirige mais sentimentos negativos ao Irmão do que positivos, ao passo que este lhe dirige mais positivos do que negativos. A rivalidade com o Irmão surge claramente quando o sujeito lhe atribui o item: Às vezes sinto que odeio esta pessoa da minha família.

Não há atribuição de sentimentos ao próprio, o que prova a total ausência de valorização pessoal.

Considera que a Mãe é super-protectora com o próprio, seguindo-se o Irmão, o que é contraditório. Mostra um movimento regressivo e alguma dependência da Mãe. A indulgência materna distribui-se de igual forma pelo sujeito e pelo seu Irmão, enquanto a indulgência paterna se direcciona quase exclusivamente para o Irmão.

O jovem recorre à negação, pela atribuição excessiva de itens ao Ninguém. É incapaz de atribuir ou permitir que lhe atribuam sentimentos erotizados e agressivos, vendo-se obrigado a colocá-los no Ninguém.

Participante 5

Vive com a Mãe e com a Irmã de 4 anos. O Pai é emigrante. É com a Mãe que mais se envolve, estabelecendo com ela uma relação positiva.

O sujeito parece amar os pais de igual forma, dirigindo-lhes o mesmo número de sentimentos positivos e nenhum negativo. Assiste-se a uma idealização dos pais, em que o jovem os iguala por culpabilidade, evitando assim o despoletar de um conflito. O mesmo não se passa com os pais em relação ao filho. O sujeito ama a Mãe, mas o amor desta em relação a si é um tanto ou quanto ambivalente. Os irmãos estabelecem uma boa relação.

Não direcciona qualquer tipo de sentimento para si, tornando claro que se trata de um jovem com baixa auto-estima e fraca valorização pessoal.

Considera que a sua Mãe é super-protectora e indulgente com ambos os filhos, sobretudo com o sujeito, o que demonstra alguma dependência por parte deste, assim como um comportamento regressivo. Segundo o sujeito, o Pai não é indulgente, a não ser com a Mãe. Isto revela que o sujeito percepção uma boa relação do casal.

Assistimos ao uso excessivo da negação, em que o jovem atribui a maioria dos itens negativos ao Ninguém. O jovem sentir-se-ia culpado caso os atribuísse aos elementos da família e por isso resolve evitar o conflito.

Participante 6

Vive com os pais e um Irmão de 18 anos, no entanto inclui uma Irmã de 21 anos no teste, que já não faz parte do agregado familiar. Mostra-se extremamente envolvido com esta Irmã, estabelecendo com ela uma relação positiva.

O Irmão não foi incluído no teste, mostrando representar pouco para o sujeito.

A relação do sujeito com a Irmã baseia-se na reciprocidade, havendo uma troca de sentimentos positivos, não existindo espaço algum para sentimentos negativos, surgindo esta Irmã como uma figura idealizada.

Os pais recebem uma minoria de sentimentos positivos e alguns sentimentos negativos. Dos pais, o sujeito recebe sobretudo sentimentos negativos. Ficamos perante uma relação pobre entre pais e filho, onde o pouco investimento que surge é por parte do último.

Não existe qualquer direccionamento de sentimentos para o sujeito, sejam eles de ordem positiva ou negativa, o que nos dá conta de um pré-adolescente que se desvaloriza e se sente rejeitado pelos pais, procurando num elemento externo ao agregado familiar, o amor que de outra forma não irá receber.

Apesar de tudo, o sujeito considera que a Mãe é super-protectora consigo, o que nos coloca perante uma enorme contradição. Por um lado, trata-se de uma Mãe rejeitante e suficientemente má, nas palavras de Winnicott e por outro, é uma Mãe controladora e intrusiva. De qualquer forma é um sujeito dependente e com necessidades regressivas.

No geral, é uma Mãe indulgente com todos os elementos da família, especialmente com a Irmã. O Pai apenas é indulgente com a Mãe, o que mostra que o casal estabelece uma boa relação.

Análise Individual

Participantes Neutros – 11 Anos

Participante 1

Vive com os pais, dois Irmãos (de 4 e 17 anos) e uma Irmã de 6 anos. É com os pais que mais se envolve, o que faz de forma positiva com ambos. No entanto, a relação que estabelece com a Irmã é melhor. É esta que recebe mais sentimentos positivos e nenhum negativo.

A Mãe investe mais no filho do que o Pai. Equipara os Irmãos quanto aos sentimentos que lhes dirige, mas é do Irmão mais novo que recebe mais sentimentos positivos.

O sujeito é um pouco ambivalente em relação a si próprio e recorre à formação reactiva. Os sentimentos negativos que escolhe para si são suaves, mostrando que se desvaloriza pouco.

A Mãe é indulgente e super-protectora com os filhos mais novos, assim como o Pai também o é com o filho mais novo, o que de certa forma é normal, uma vez que a sua tenra idade exige alguns cuidados redobrados.

Participante 2

Este participante tem dois Irmãos (18 e 24 anos), mas vive com os pais e com a Irmã mais nova. Envolve-se mais com a Mãe, estabelecendo com ela um envolvimento positivo.

A relação com a Mãe é bastante próxima, pela troca de sentimentos positivos que se verifica, existindo investimento de ambos.

Pelo contrário, podemos verificar a “presença” de um Pai ausente. Um Pai que não recebe qualquer tipo de sentimento e que segundo o sujeito apenas lhe dirige sentimentos negativos.

A relação com o Irmão é bastante próxima, assistindo-se a uma troca de sentimentos positivos. O Irmão é idealizado pelo sujeito e representa para si um modelo de identificação. Trata-se de uma figura masculina e de idade superior ao sujeito, funcionando para este como um substituto do Pai.

Inversamente, na relação com a Irmã nota-se alguma rivalidade e ausência de interacção, existindo apenas uma troca de sentimentos negativos.

O sujeito apenas atribui um sentimento a si próprio, o qual é de índole positiva, revelando pouca valorização pessoal.

A Mãe é ligeiramente protectora e indulgente com o sujeito. O Pai também é pouco indulgente, mas com a Irmã.

Recorre frequentemente à negação, pela atribuição excessiva de itens negativos ao Ninguém, o que faz por culpabilidade.

Participante 3

Este participante vive com os pais e duas Irmãs (9 e 16 anos).

Envolve-se tanto com a Mãe como com o Pai, sendo ambos envolvimentos positivos.

A distribuição dos sentimentos em relação aos pais baseia-se maioritariamente na atribuição de sentimentos positivos de ambas as partes. O jovem iguala os pais, idealizando-os, como se pretendesse fugir ao conflito com um dos dois.

A relação com a Irmã mais velha não tem a reciprocidade como base. O sujeito dá, mas não recebe. É com a Irmã mais nova que o sujeito interage mais, existindo uma prevalência de sentimentos positivos.

Há atribuição de um único sentimento positivo a si próprio, o que demonstra pouca valorização pessoal.

Considera ter uma Mãe super-protectora e indulgente com todos os elementos da família, especialmente com a Irmã mais nova. O Pai também é indulgente, mas sobretudo com o sujeito. Os pais surgem como figuras idealizadas, que se preocupam com toda a família.

O sujeito dá mostras de alguma dependência e necessidade regressiva.

Podemos encontrar o uso da negação. O sujeito atribui um número abusivo de sentimentos negativos ao Ninguém, como forma de evitar conflitos e rivalidades.

Participante 4

O sujeito vive com os pais e com um Irmão de 13 anos e uma Irmã de 5 anos.

Envolve-se mais com a Mãe, estabelecendo com ela uma relação baseada em sentimentos positivos. Apesar disso, o sujeito mantém uma relação melhor com o Pai. Os sentimentos positivos predominam nos dois sentidos, gerando uma interação recíproca. A relação com a Mãe também é recíproca, mas existem alguns sentimentos negativos. A relação com os Irmãos também é boa, sobretudo com a Irmã.

Trata-se de uma família idealizada, em que o sujeito atribui imensos sentimentos positivos aos vários elementos, reservando para o Ninguém a maioria dos itens negativos.

Atribui muitos sentimentos a si próprio, predominando os de carácter positivo, o que é revelador de uma boa auto-estima e valorização pessoal. Demonstra ainda algum egocentrismo da sua parte.

A Mãe é vista como sendo um pouco super-protectora, sobretudo com a Irmã. É indulgente com toda a família, mas de um modo contido. O Pai é um pouco mais indulgente, especialmente com a Irmã. Esta é o alvo de maior protecção e indulgência, talvez por ser a mais nova da família.

Além da idealização, o jovem recorre ainda à negação.

Participante 5

Este participante vive com os pais e a Irmã de 3 anos e é com esta que mais se envolve, estabelecendo com ela uma relação positiva.

A relação Pai-filho é muito semelhante à relação Mãe-filho, à excepção dos poucos sentimentos negativos que o Pai dirige para o filho e a Mãe não. A relação com a Irmã também é boa, verificando-se um predomínio de sentimentos positivos.

Quanto a si, o sujeito refere um único sentimento negativo, mostrando uma auto-estima baixa.

Os pais são muito pouco indulgentes e a Mãe é super-protectora com a Irmã. A sua protecção em relação ao filho é mínima.

Por culpabilidade, o sujeito atribui imensos itens negativos ao Ninguém, mostrando recorrer à negação.

Participante 6

Este participante vive com os pais e a Irmã de 21 anos. É com esta que mais se envolve, o que faz de uma forma positiva.

Embora, o sujeito considere que a Mãe recebe e dirige mais sentimentos negativos que o Pai, a relação Mãe-filho e Pai-filho estão muito equiparadas, tratando-se ambas de relações positivas.

Assim, os resultados dão-nos conta de uma família idealizada, com o predomínio de sentimentos positivos para evitar gerar conflitos.

O sujeito atribui três sentimentos positivos a si próprio demonstrando alguma valorização pessoal.

A Mãe é super-protectora com toda a família, mas sobretudo com a Irmã. É indulgente de igual forma com todos. Isto demonstra que o sujeito é um pouco dependente da Mãe.

O Pai é pouco indulgente, mas distribui a sua indulgência de igual forma por todos.

O sujeito recorre bastante à negação, pela atribuição excessiva de itens negativos ao Ninguém.

Participantes Neutros – 13 Anos

Participante 1

Este participante vive com os pais e a Irmã de 16 anos. É com o Pai que mais se envolve, estabelecendo com ele uma relação positiva, embora a relação com a Mãe também seja boa.

A relação com a Irmã também é bastante positiva, tendo a reciprocidade por base. Há uma troca de sentimentos positivos, não se assistindo por isso a uma rivalidade fraterna.

Parece existir alguma idealização desta família, pelo número reduzido de sentimentos negativos que lhe são atribuídos.

Atribui um único sentimento positivo a si próprio, revelando valorizar-se muito pouco.

A Mãe é super-protectora com a Irmã. Apesar de ser pouco indulgente, os seus principais alvos são a Irmã e o Pai. Este é bastante indulgente com a Mãe.

Podemos concluir que o jovem não é dependente da Mãe, nem demonstra comportamentos regressivos. Considera que os pais mantêm uma boa relação entre si.

Recorre frequentemente à negação como uma forma de defesa, atribuindo a maioria dos sentimentos negativos ao Ninguém.

Participante 2

Vive com os pais e o Irmão de 18 anos. Envolve-se igualmente com a Mãe e o Pai, tratando-se de uma relação positiva com ambos.

O jovem iguala os pais relativamente aos sentimentos que nutre por eles e vice-versa, o que pode evidenciar uma forma de evitar um conflito. A não obrigatoriedade de escolha de um dos pais, reduz a ansiedade. Estes surgem como figuras idealizadas.

Pelo contrário, a relação com o Irmão transborda conflito e rivalidade. É uma interacção baseada na troca de sentimentos negativos.

O jovem direcciona para si um único sentimento negativo, revelando uma baixa auto-estima.

A super-protecção materna dirige-se sobretudo para o Pai e é diminuta nos filhos. Quanto à indulgência materna e paterna existe uma reciprocidade entre a Mãe e o Pai, o que demonstra que estes estabelecem uma boa relação. Trata-se portanto, de um pré-adolescente independente da Mãe e sem necessidades regressivas.

O sujeito utiliza a negação pela atribuição extrema de sentimentos negativos ao Ninguém.

Participante 3

Vive com os pais e um Irmão de 7 anos, com o qual se envolve mais, o faz de forma positiva. Apesar disso, estabelece uma relação melhor com a Mãe. Trata-se de uma relação recíproca, em que ambos dirigem vários sentimentos positivos um ao outro e nenhum negativo.

A relação com o Pai também é boa, apesar de não existir reciprocidade. O Pai dá mais do que aquilo que recebe.

Assim, é possível verificar que tanto a relação com o Pai, como com a Mãe são boas, embora a última seja ligeiramente melhor.

Na relação fraterna parece existir um maior investimento por parte do sujeito, visto que este dirige muitos sentimentos positivos ao Irmão, recebendo poucos em troca. O sujeito acredita que o Irmão o vê com ambivalência, por lhe atribuir o mesmo número de sentimentos positivos e negativos. Não existe rivalidade fraterna.

O sujeito atribui dois sentimentos positivos e um negativo a si próprio, o que demonstra pouca valorização pessoal.

A Mãe manifesta alguma protecção em relação ao filho mais novo e pouca em relação ao sujeito. Tanto a Mãe como o Pai são um pouco indulgentes com o filho mais novo.

O sujeito dá provas de independência em relação à Mãe, ao contrário do Irmão.

A negação está presente neste protocolo, pelo facto de existir uma atribuição excessiva de itens negativos ao Ninguém e não aos elementos da família.

Participante 4

Vive com os pais e a Irmã de 19 anos. Este participante envolve-se mais com o Pai, estabelecendo com este uma relação positiva.

A relação com o Pai baseia-se na troca recíproca de sentimentos positivos e negativos, em que os primeiros abundam, existindo investimento por parte do Pai e do filho. Este Pai surge como uma figura idealizada.

A relação com a Mãe não é tão boa como com o Pai, além disso o sujeito percebe-a de um modo ambivalente e recorre à formação reactiva. O investimento da Mãe prevalece sobre o do filho.

A relação com a Irmã também é marcada por uma profunda ambivalência e faz uso da formação reactiva.

O sujeito atribui cinco sentimentos de cariz positivo a si próprio, demonstrando valorizar-se e possuir uma boa auto-estima.

No geral, podemos considerar que a Mãe não é super-protectora, deixando claro que se trata de um pré-adolescente independente.

Quer o Pai, quer a Mãe, são indulgentes com a Irmã. A indulgência paterna em relação à Mãe é mínima, o mesmo acontecendo com a indulgência materna em relação ao Pai e ao sujeito.

O sujeito recorre à negação. Atribui um número excessivo de itens negativos ao Ninguém, para evitar conflitos com os elementos familiares.

Participante 5

Vive com os pais e o Irmão de 18 anos. O grau de envolvimento deste participante é bastante ambivalente por ser idêntico com a Mãe e o Pai, sendo ambos de carácter positivo.

Relaciona-se de modo semelhante com ambos os pais, dirigindo e recebendo mais sentimentos positivos do que negativos. De qualquer forma, a relação com o Pai é ligeiramente melhor.

Relativamente ao Irmão, verifica-se que existe uma relação assimétrica. O sujeito dirige-lhe mais sentimentos positivos do que aqueles que recebe. Cada um dirige um sentimento negativo ao outro.

O sujeito atribui sete sentimentos positivos a si próprio, revelando uma boa auto-estima e valorização pessoal.

A Mãe é pouco super-protectora. No entanto, é com o Irmão que este comportamento se evidencia mais. Tanto a Mãe como o Pai são indulgentes, mas não com o jovem.

Assim, o sujeito considera que os pais se relacionam bem enquanto casal. Trata-se também de um pré-adolescente independente da Mãe, ao contrário do Irmão.

Recorre imenso à negação, atribuindo inúmeros sentimentos negativos ao Ninguém, evitando assim gerar conflitos.

Participante 6

Este participante vive com os pais e o Irmão de 22 anos. Também tem um Irmão de 26 anos que incluiu no teste.

Este sujeito manifesta um maior envolvimento com a Mãe, o qual é de carácter positivo. É uma relação boa e simétrica, baseando-se na reciprocidade. Os sentimentos negativos são excluídos desta interacção.

A relação com o Pai não é tão boa. O sujeito dirige-lhe poucos sentimentos e considera que o Pai é um pouco ambivalente consigo.

Pelo número reduzido de sentimentos dirigidos aos Irmãos, a interação com estes parece ser fraca, sobretudo com o Irmão mais novo. A relação com o Irmão mais velho é recíproca. Podemos perceber que o jovem se valoriza pouco, por atribuir três sentimentos positivos e um negativo a si próprio.

A Mãe é pouco protectora e pouco indulgente com toda a família, o que nos dá conta de um sujeito independente da Mãe. O Pai só é indulgente com a Mãe.

Recorre bastante à negação como forma de defesa, atribuindo vários sentimentos negativos ao Ninguém.

Resultados dos Grupos

De forma a obter uma visão global da distribuição dos itens pelos diferentes elementos familiares e pelo Sr. Ninguém, foi feita uma contagem individual e posteriormente uma média para cada um desses elementos.

Uma vez que se trata da comparação de dois grupos, em que pretendemos averiguar a relação que os participantes estabelecem com os Irmãos no geral e não com cada um individualmente, reunimo-los numa única categoria. Para isso, foi necessário fazer uma correcção, dado que nem todos os sujeitos possuem o mesmo número de Irmãos. Os “Outros” não foram considerados, por terem sido poucos os participantes a inclui-los no teste.

Gráfico 1: Distribuição de Itens nos Participantes Neutros

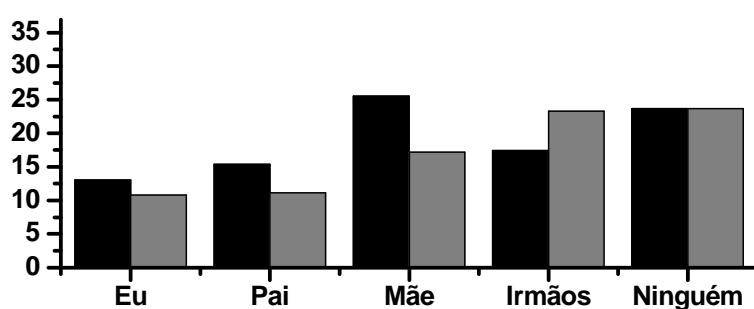
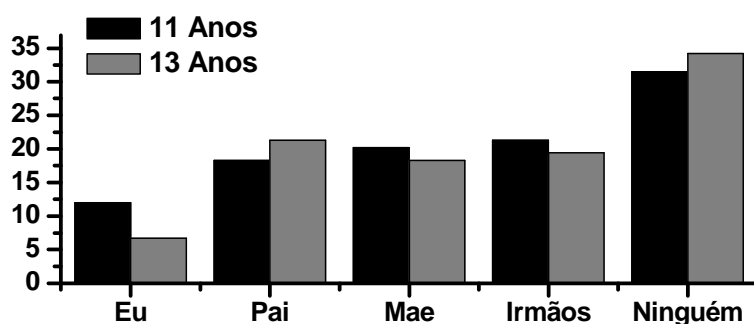
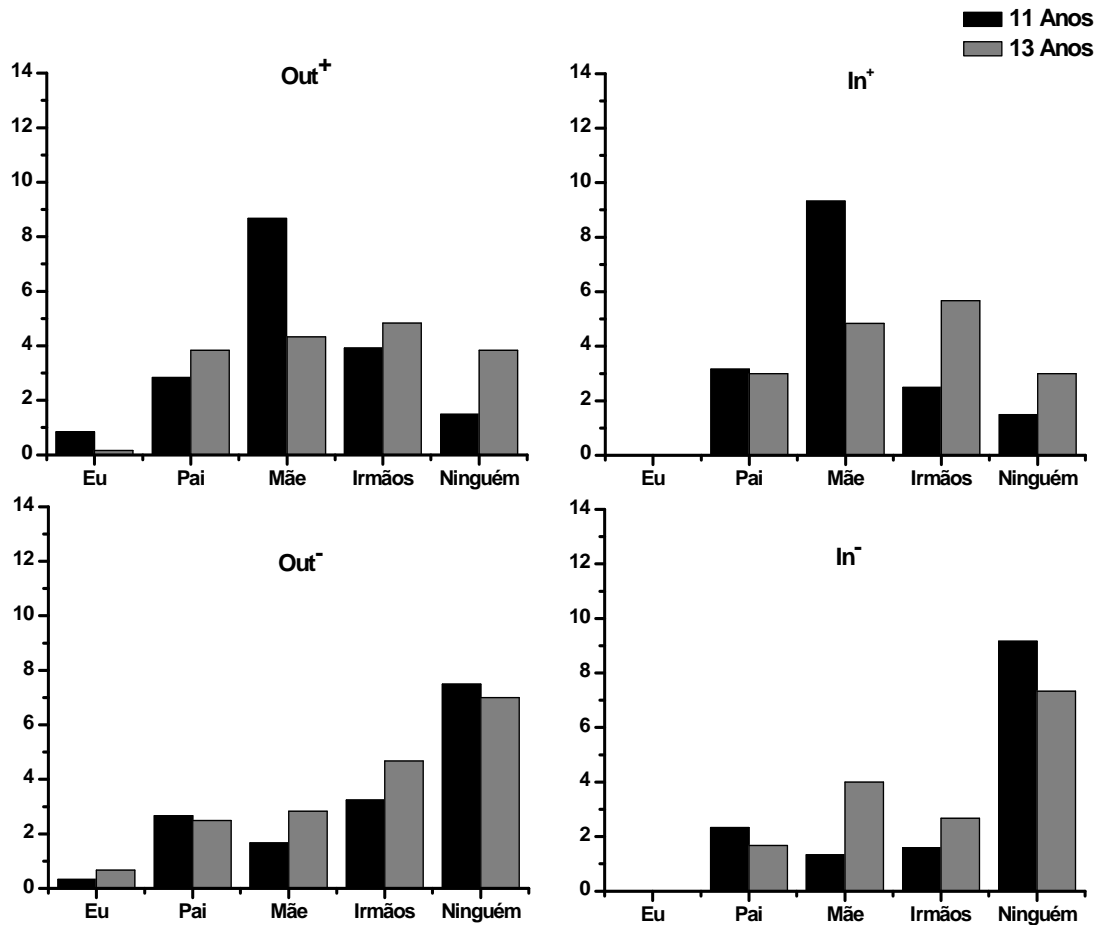


Gráfico 2: Distribuição dos Itens nas Vítimas de Bullying

Os participantes neutros, sejam eles de 11 ou 13 anos, atribuem mais itens ao Pai e ao Ninguém do que as vítimas de bullying, o que revela que estes indivíduos apresentam uma maior necessidade de evacuar sentimentos respeitantes a si ou à sua família. Por sua vez, as vítimas dirigem mais itens para a Mãe e para si. No entanto, há que salientar que esta atribuição ao Eu se deve à escolha excessiva de itens relacionados com a super-protecção materna, de que se consideram alvos e não com uma valorização pessoal. Os Irmãos recebem em média os mesmos itens, quer no grupo das vítimas, quer no grupo dos participantes neutros.

Tanto num grupo como noutro é possível verificar que no geral, com o aumento da idade, a atribuição de itens aos vários elementos da família diminui, à excepção do Ninguém e dos Irmãos, que apresentam algumas variações.

Gráfico 3: Direcção dos Afectos nas Vítimas de Bullying



Out +: Sentimentos positivos dirigidos aos outros e ao Eu

Out -: Sentimentos negativos dirigidos aos outros e ao Eu

In +: Sentimentos positivos recebidos

In -: Sentimentos negativos recebidos

De acordo com o gráfico é possível verificar que as vítimas dirigem sentimentos para si de uma forma bastante reduzida. Todavia, são as vítimas de 11 anos que mais sentimentos positivos escolhem para si, mostrando valorizar-se um pouco mais que as de 13 anos.

Para as vítimas de 11 anos, a Mãe surge como o principal objecto e fonte de amor, uma vez que é para ela que dirigem a maioria dos sentimentos positivos e também é dela que consideram recebê-los em maior quantidade. À excepção do Eu, esta é a figura para quem as vítimas de 11 anos dirigem menos sentimentos negativos e de onde julgam recebê-los em menor quantidade.

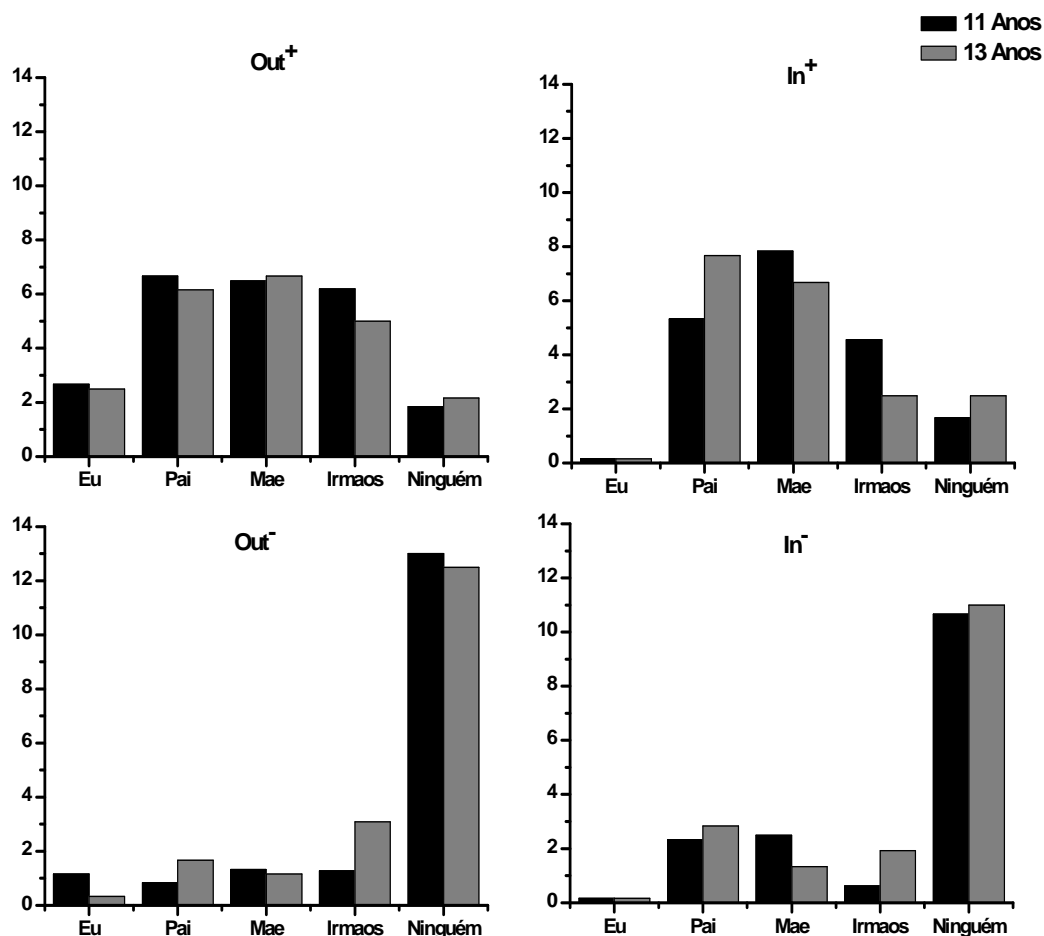
As vítimas de 13 anos dirigem em média menos sentimentos positivos para a Mãe e mais sentimentos negativos, do que as vítimas de 11 anos.

Os participantes consideram ter uma relação mais próxima com a Mãe do que com o Pai. As vítimas de 11 anos dirigem sentimentos ao Pai de um modo ambivalente e consideram que este lhes dirige mais sentimentos positivos que negativos. As vítimas de 13 anos dirigem-lhe mais sentimentos positivos do que negativos e consideram que o Pai também o faz.

Ao visualizar o gráfico constata-se que as vítimas de bullying, independentemente da idade, se relacionam de forma semelhante com os Irmãos. Dirigem-lhes sentimentos de forma ambivalente, considerando-os bons e maus em simultâneo, no entanto, acreditam receber destes mais sentimentos positivos do que negativos.

É para o Ninguém que as vítimas de ambas as idades dirigem a maioria de sentimentos negativos e uma minoria de sentimentos positivos, evitando o conflito consigo e com a família.

Gráfico 4: Direcção dos Afectos nos Participantes Neutros

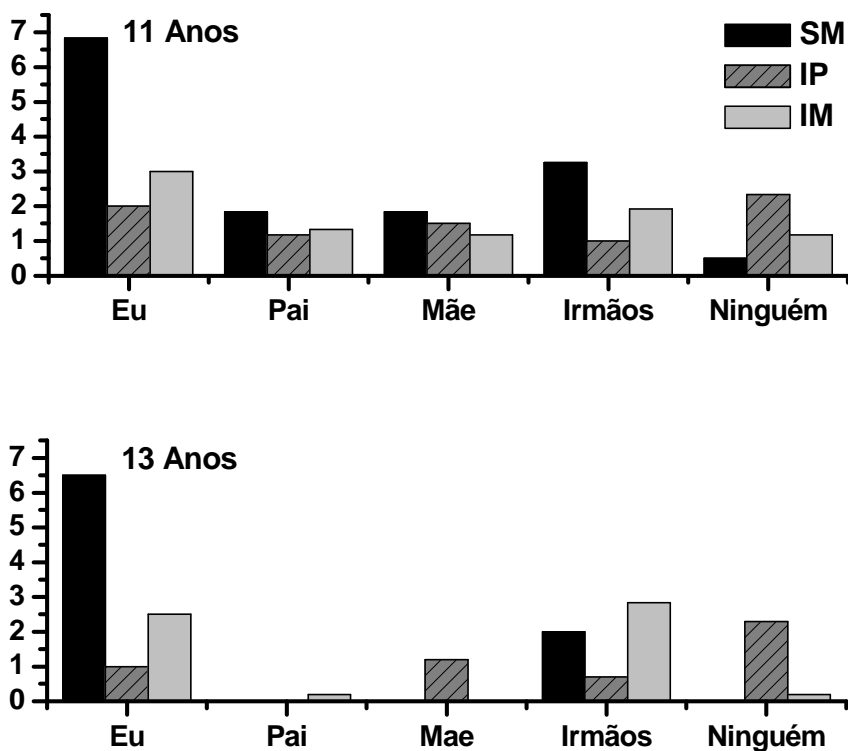


Ao observar o gráfico, constata-se que os sentimentos positivos prevalecem sobre os negativos, à excepção daqueles que foram atribuídos ao Ninguém, o que revela um uso excessivo da negação.

A direcção dos afectos é bastante semelhante em ambas as idades. Os participantes neutros equiparam os vários elementos da família, atribuindo-lhe uma média semelhante de sentimentos positivos, a qual é superior à de sentimentos negativos. O mesmo se passa relativamente aos sentimentos que estes participantes consideram receber da família. Apesar das semelhanças, os participantes de 11 anos relacionam-se melhor com os Irmãos do que os de 13 anos.

Os participantes de ambas as idades atribuem em média menos sentimentos ao próprio do que aos restantes elementos da família. Contudo, há um predomínio de sentimentos positivos, o que revela alguma valorização pessoal por parte destes indivíduos.

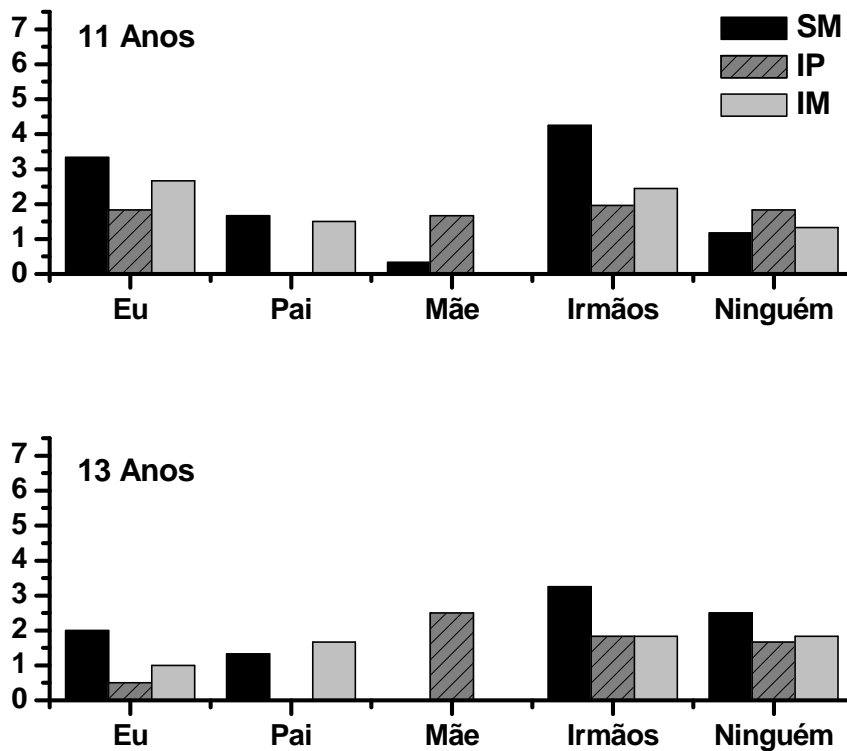
Gráfico 5: Dependência nas Vítimas de Bullying



Aquilo que mais se destaca nos gráficos é a super-protecção materna, que se dirige maioritariamente para o Eu, tanto nas vítimas de 11 como de 13 anos.

É possível verificar que as vítimas de 11 anos consideram os seus pais mais protectores e indulgentes com a família do que as vítimas de 13 anos, revelando por isso uma maior dependência.

Gráfico 6: Dependência nos Participantes Neutros



SM: Super-protecção materna; IP: Indulgência; Paterna; IM: Indulgência Materna

A análise dos gráficos permite afirmar que os participantes neutros de ambas as idades consideram que a Mãe é mais indulgente e protectora com os Irmãos do que com os restantes elementos da família.

Os participantes de 11 anos percebem os seus pais como mais indulgentes e protectores com a família do que os de 13 anos, manifestando assim uma maior dependência destes.

DISCUSSÃO

Antes de entrar na discussão dos resultados, será feita uma análise global dos itens atribuídos aos diferentes elementos familiares e ao Sr. Ninguém nos dois grupos.

A figura Ninguém é aquela que recebe o maior número de itens em qualquer um dos grupos, o que está de acordo com o estudo de Frost (1969).

No grupo das vítimas, a seguir ao Ninguém, é a Mãe quem recebe mais itens, seguindo-se o Pai e os Irmãos. No grupo de controlo, a seguir ao Ninguém são os Irmãos que recebem mais itens, seguindo-se o Pai e a Mãe. Tanto num grupo como noutro, o Sujeito é a figura que menos itens recebe o que é consistente com os estudos de Bene & Anthony (1957), Frost (1969), Kauffman (1971) e Malpique (1998).

Este estudo tinha como objectivo verificar se existem diferentes percepções em pré-adolescentes neutros e vítimas de bullying de 11 e 13 anos, relativamente às suas relações familiares.

Os resultados vão ao encontro daquilo que seria de esperar: os participantes neutros e as vítimas de bullying percebem as suas relações familiares de forma diferente. As vítimas envolvem-se mais com a Mãe e menos com o Pai que os participantes do grupo de controlo. Também se confirma a hipótese de que as vítimas de bullying acreditam ter uma Mãe super-protectora, ao contrário dos participantes neutros. Apenas se infirma a última hipótese que fazia referência à relação com cada um dos progenitores aos 11 e aos 13 anos. Esperava-se que os participantes de 11 anos se envolvessem mais com o Pai e os de 13 anos com a Mãe. Neste estudo verificou-se que tanto os participantes de 11 como os de 13 anos se relacionam mais com a Mãe, o que está de acordo com Youniss & Smollar (1985).

Vítimas de Bullying

As vítimas de bullying de 11 anos envolvem-se mais com a Mãe, o que fazem de uma forma positiva (Out + e In +). Por sua vez, o envolvimento com o Pai é bastante fraco e ambivalente (Out + e Out -). Também é da Mãe que os sujeitos consideram receber mais sentimentos positivos e é do Pai que provém a maioria dos sentimentos negativos.

Os resultados obtidos vão contra a teoria de Blos (2003). O autor defende que nesta idade, no geral, os rapazes revivem o complexo de Édipo positivo, revivendo o amor incestuoso pela Mãe, que vai reactivar a angústia de castração, o medo e a inveja da Mãe pré-edípica. O rapaz

afasta-se desta e como forma de vencer o medo e ultrapassar as lutas sadomasoquistas da infância, conta com o apoio do Pai. Assim, nesta fase, assiste-se a uma boa relação entre Pai e filho, onde o medo e a competitividade não entram. É no Pai, que o filho procura segurança (Blos, 2003).

Todo este processo marca o início da individuação em relação aos pais, em que o jovem sente a necessidade de conquistar o seu próprio espaço mental, que lhe permita reflectir e relacionar-se com outros, que não a família. Para que isto aconteça é essencial romper com a posição de dependência dos pais, que marcou toda a infância (Fleming, 1993).

Quando pais e filhos se encontram unidos por um vínculo amoroso, o filho sente a segurança necessária para não temer a perda desse amor ao desejar separar-se dos pais. Assim, rumo em direcção à independência psicológica, conseguindo construir uma relação familiar menos dependente (Fleming, 1993).

Os resultados obtidos neste estudo dão conta de que aos 11 anos, a super-protecção materna se dirige sobretudo para as vítimas de bullying, o que está de acordo com o estudo de Olweus (1992). Apesar do amor que sentem pela Mãe, consideram-na super-protectora e um pouco indulgente.

Assim, a tarefa de individuação parece ficar comprometida nas vítimas (Finnegan et al, 1998), cuja relação com a Mãe assenta na dependência. É uma Mãe que infantiliza o filho (Neto, 2005), considerando-o detentor de uma enorme ansiedade e insegurança e que por isso insiste em protegê-lo excessivamente, revelando-se super-protectora (Smokowski & Kopasz, 2005).

A super-protecção materna prejudica o desenvolvimento da autonomia e conseqüentemente o envolvimento com os pares (Finnegan et al, 1998), que é estritamente necessário para facilitar a separação da família (Relvas, 1996), o que faz com que o jovem não tenha a confiança necessária para negar o amor da Mãe e lutar pela sua individuação (Bene & Anthony, 1957). O Pai, que deveria ser um suporte neste processo (Blos, 2003) não o é nas vítimas de 11 anos em estudo. Em média dirige mais sentimentos negativos ao filho do que positivos, não lhe proporcionando uma base segura. Isto poderá explicar a desvalorização que o filho faz do Pai, ao atribuir-lhe sentimentos de uma forma ambivalente (Malpique, 1998).

Sem o apoio dos progenitores, é provável que o rapaz permaneça extremamente ligado à família, o que poderá cessar o seu desenvolvimento psicológico (Fleming, 1993).

Estes sujeitos consideram ter uma relação ambivalente com os Irmãos, o que está em concordância com Zimerman (1999), que afirma que estes constituem um objecto de duplo investimento. O envolvimento com o Pai e com os Irmãos assemelha-se pela ambivalência, o

que está de acordo com Braconnier & Marcelli (2000), ao afirmar que geralmente a relação com os Irmãos assume a qualidade das relações actuais com os pais.

Também nas vítimas de 13 anos o envolvimento com os Irmãos é ambivalente e é com estes que mais se relacionam. A maioria destes sujeitos tem o Pai ausente fisicamente e os seus Irmãos são maioritariamente mais velhos, podendo funcionar não apenas como um substituto do Pai, mas também como um modelo de identificação (Malpique, 1998).

Envolvem-se mais com a Mãe do que com o Pai, o que está de acordo com Blos (2003), o qual defende que nesta idade, o complexo de Édipo positivo é resolvido para dar lugar ao complexo de Édipo negativo. O amor sentido pela Mãe e o medo por ele despoletado desvanece-se. O sujeito passa a identificar-se com a Mãe e a amar o Pai, o que o leva a dirigir a agressividade para este, o que não se verifica nestes participantes.

A super-protocção materna que também se verifica nas vítimas de 13 anos pode ter sido desencadeada pela ausência do Pai, na medida em que esta situação contribui para uma maior aproximação do filho à Mãe (Malpique, 1998). Sem o marido, a Mãe torna-se repressiva e super-protectora, fazendo com que o filho seja mais dependente e idealize mais (Tiller, 1958, citado por Malpique, 1998), o que está de acordo com os resultados obtidos no corrente estudo.

Em média foram atribuídos mais sentimentos positivos ao Pai do que nos participantes de 11 anos, média esta que se aproxima daquela que foi atribuída à Mãe, verificando-se uma idealização do Pai. Uma idealização excessiva pode ser perigosa e ameaçadora por se criarem ideais megalómanos que dificultam a resolução do Édipo (Malpique, 1998).

Os participantes dirigem em média mais sentimentos negativos para a Mãe do que para o Pai e também esta dirige mais sentimentos negativos ao filho, o que pode revelar um deslocamento da agressividade do Pai para a Mãe.

A Mãe é mais indulgente que o Pai, tanto nas vítimas de 11 como de 13 anos, mostrando-se mais afectuosa que este. No grupo dos 11 anos o Pai é mais indulgente com o participante, o que é contraditório. Ao fazê-lo, as vítimas podem revelar um desejo inconsciente de receber o amor do Pai.

Os pais são pouco indulgentes um com o outro, sobretudo no grupo dos 13 anos, o que se pode dever à ausência física do Pai (por divórcio ou emigração).

Assim, constata-se que as vítimas de bullying, quer de 11 anos, quer de 13 percebem a sua família de modo semelhante. Consideram ter uma Mãe super-protectora, com a qual se envolvem bastante e relacionam-se com os Irmãos de modo ambivalente. É com o Pai que menos se envolvem, o que está de acordo com Youniss & Smollar (1985). Estes autores

afirmam que a relação com o Pai é distante, ao contrário da relação com a Mãe. É com esta que os pré-adolescentes mais se envolvem, apresentando uma ligação emocional forte (Steinberg, 1981). Comparativamente com as vítimas de 11 anos, as vítimas de 13 anos dirigem em média menos sentimentos positivos aos pais e existe menos super-protecção e indulgência, o que revela que apesar da dependência em relação à Mãe estão mais autonomizadas.

A atribuição de sentimentos ao próprio é bastante reduzida em ambas as idades. Contudo, as vítimas de 13 anos demonstram uma maior desvalorização e uma auto-estima mais baixa que as de 11 anos (Anderson et al, 2001,).

As vítimas que compõem esta amostra recorrem bastante a mecanismos de defesa, apesar dos participantes de 11 anos o fazerem com mais frequência, sobretudo com a formação reactiva. Tanto numa idade como noutra, os participantes mostram-se preocupados em evitar conflitos com a família, numa atitude de idealização. A maioria dos sentimentos negativos (Out - e In -) são atribuídos ao Sr. Ninguém, o que nos mostra que os sujeitos tendem a recorrer à negação por culpabilidade.

Participantes Neutros

Os participantes de 11 anos do grupo de controlo relacionam-se mais com a Mãe do que com o Pai, o que está de acordo com Youniss e Smollar (1985). Estes autores consideram que a relação com os pais é um prolongamento da relação que mantinham na infância. O Pai continua a ser visto como aquele que domina as regras sociais, ficando incumbido de inserir o filho na sociedade. É portanto uma relação distante, ao contrário da relação que mantém com a Mãe, que se caracteriza pelo afecto e amizade.

Apresentam uma boa relação com os Irmãos, a qual se baseia na reciprocidade, havendo uma troca de sentimentos positivos. Por seu turno, a troca de sentimentos negativos é reduzida. A relação fraterna é semelhante à relação estabelecida com os pais, o que está de acordo com Braconnier & Marcelli, (2000).

Embora os participantes de 13 anos também mantenham um bom relacionamento com os Irmãos, não é tão bom como o anterior. Nesta relação não existe reciprocidade, sendo que os participantes dirigem mais sentimentos positivos aos Irmãos do que aqueles que estes lhe devolvem.

Nestes participantes há uma maior proximidade com o Pai em detrimento da Mãe, o que não está de acordo nem com Blos (2003), nem com Youniss e Smollar (1985).

Constata-se que tanto numa idade como noutra, há uma forte tendência para equiparar os pais, ao atribuir em média, um número aproximado de sentimentos positivos a cada um deles e poucos sentimentos negativos (Out- e In-), não se verificando o ressurgimento do complexo de Édipo em nenhuma das suas vertentes. Os pais são idealizados, como forma de evitar os conflitos e reduzir a culpabilidade.

É possível fazer uma analogia com um estudo desenvolvido por Frost (1969) com rapazes de 11 anos e que contou com a aplicação do FRT. Embora, a Mãe receba em média, a maioria dos sentimentos positivos, esta aproxima-se bastante da média atribuída ao Pai, sendo a diferença pouco significativa.

Constata-se ainda, que não se tratam de relações recíprocas, visto que a Mãe constitui a principal fonte de amor aos 11 anos, enquanto que aos 13 anos é o Pai. Os participantes possuem portanto, diferentes objectos e fontes de amor.

Relativamente às questões de dependência, verifica-se que tanto num grupo como noutro, a super-protecção e indulgência maternas têm os Irmãos como alvo, dirigindo-se muito pouco para o resto a família. Nos sujeitos de 11 anos a Mãe é mais indulgente com o participante.

A indulgência paterna também é diminuta. Enquanto que o Pai dos participantes de 11 anos é mais indulgente com os Irmãos, o Pai dos de 13 é com a Mãe.

Fica-se perante sujeitos pouco dependentes da Mãe e que por isso manifestam poucos comportamentos regressivos (Bene & Anthony, 1957).

Os pais são indulgentes um com o outro, sobretudo no grupo dos 13 anos, o que mostra que os participantes percebem uma boa relação entre os pais, enquanto casal.

Assim, os indivíduos (11 e 13 anos) estabelecem uma relação bastante positiva com os progenitores (Out + In +), tendo o amor como base, o que lhes dá confiança para iniciar a individuação destes com a certeza de que não perderão o seu amor (Fleming, 1993). Além disso, a figura paterna está presente a nível físico e também parece estar a nível emocional, não potenciando uma aproximação excessiva do filho à Mãe (Malpique, 1998). À partida têm o grupo de pares como um suporte alheio à família e caso se deparem com dificuldades podem regressar para junto dos pais, que permanecerão como “figuras de vinculação na reserva” (Weiss, 1982, citado por Ferreira & Ferreira, 2000).

Desta forma, é notável a existência de uma percepção análoga relativamente às relações familiares em ambas as idades. As relações parentais surgem como positivas, repletas de amor e ternura, restando pouco espaço para os sentimentos negativos. A Mãe não é percebida como super-protectora e a relação com os Irmãos também é vista com positivismo e sem ambivalência.

Neste grupo, é possível encontrar algumas respostas egocêntricas, reveladoras de alguma valorização pessoal. Ainda assim, os participantes de 13 anos mostram possuir uma auto-estima mais elevada, ao escolherem para si menos sentimentos negativos.

A recorrência a mecanismos de defesa é frequente. A maioria de sentimentos negativos é atribuída ao Ninguém, evitando assim gerar conflitos consigo e com os restantes familiares. Os participantes recorrem à negação, ao mesmo tempo que idealizam a família.

Vítimas de Bullying e Participantes Neutros de 11 Anos

Os sujeitos de 11 anos sejam eles vítimas ou não, estabelecem uma relação de maior proximidade com a Mãe (Out + e In +), embora esta seja mais positiva nas vítimas de bullying.

Os resultados obtidos são inconsistentes com a teoria de Blos (2003) de que aos 11 anos, o rapaz promove a aproximação do Pai em detrimento da Mãe, mas são consistentes com a teoria de Youniss & Smollar (1985). Os autores defendem que os pré-adolescentes mantêm uma relação mais próxima com a Mãe do que com o Pai, existindo um clima de partilha e amizade.

A relação com o Pai (Out + e In +) é nitidamente melhor nos sujeitos do grupo de controlo do que nas vítimas. Estas, além de dirigirem em média, menos sentimentos positivos ao Pai, dirigem também mais negativos. No grupo de controlo, o Pai recebe em média, mais do dobro dos sentimentos positivos e menos do triplo de sentimentos negativos. Estes resultados podem dever-se à ausência emocional do Pai e portanto à inexistência de envolvimento com este, que se assiste nas vítimas de bullying (Olweus, 1992).

O envolvimento com os Irmãos é melhor no grupo de controlo. As vítimas interagem pouco com estes, dando sinais do seu isolamento.

No que concerne à dependência, verifica-se que a Mãe das vítimas de bullying é super-protectora quando comparada com a Mãe dos participantes do grupo de controlo, o que é consistente com os estudos de Olweus (1992). No grupo de controlo a Mãe protege mais os Irmãos do que o participante.

Existe assim, mais super-protecção materna nas vítimas de bullying o que nos fornece dados acerca da dependência destes sujeitos e de comportamentos regressivos com realização de desejos (Bene & Anthony, 1957).

A indulgência materna é principalmente dirigida para o participante nos dois grupos e de forma bastante semelhante, enquanto que a indulgência paterna no grupo de controlo se dirige para os Irmãos e no grupo das vítimas se dirige para estas, o que é contraditório.

Quer num grupo quer no outro, os pais são um pouco indulgentes um com o outro.

Os participantes mostram diferentes percepções familiares. No grupo de controlo consideram ter uma família mais coesa, envolvendo-se com todos os seus elementos, ao contrário das vítimas de bullying que mostram ter uma relação simbiótica com a Mãe, a qual consideram super-protectora e indulgente.

Sentimentos positivos como o amor e a ternura, fazem parte da auto-descrição dos participantes do grupo de controlo, surgindo como uma insignificante abordagem no grupo das vítimas, o que deixa transparecer uma baixa auto-estima e fraca valorização pessoal por parte destas (Anderson et al, 2001).

Os mecanismos de defesa estão presentes nos dois grupos, mas abundam no grupo de controlo, sobretudo a negação e a idealização.

Vítimas de Bullying e Participantes Neutros de 13 Anos

Os participantes dos grupos em estudo desenvolvem relações familiares bastante diferentes. As vítimas de bullying envolvem-se menos com os pais e existe um maior predomínio de sentimentos negativos, do que nos participantes do grupo de controlo.

As vítimas envolvem-se mais com a Mãe, o que está de acordo com Blos (2003) e com Youniss & Smollar (1985). Contudo, os sujeitos consideram que a Mãe é ambivalente.

No grupo de controlo, os participantes estão mais próximos do Pai, o que não corresponde às teorias dos autores anteriormente referidos.

As vítimas de bullying relacionam-se mais com os Irmãos, embora lhe dirijam sentimentos de um modo ambivalente (Out + e Out -).

A super-protecção materna predomina no grupo das vítimas, em que estas são o principal alvo (Olweus, 1992). Por sua vez, a Mãe dos participantes do grupo de controlo são um pouco protectoras com os Irmãos. A indulgência materna dirige-se maioritariamente para os Irmãos nos dois grupos, embora a Mãe das vítimas seja mais indulgente. Quanto à indulgência paterna, verifica-se um maior direccionamento para a Mãe nos dois grupos, apesar do Pai dos participantes do grupo de controlo ser mais indulgente.

No grupo de controlo os pais são mais indulgentes um com o outro, o que nos dá sinais de que estes participantes percebem uma melhor relação do casal do que as vítimas.

Assim, encontram-se diferentes percepções familiares. Tal como nos participantes de 11 anos, também os participantes do grupo de controlo de 13 anos consideram ter uma família coesa. As vítimas de bullying envolvem-se mais com os Irmãos e com a Mãe, ficando o Pai um pouco excluído.

As respostas egocêntricas imperam no grupo de controlo, com o predomínio de sentimentos positivos. O mesmo não se passa no grupo das vítimas, em que os sentimentos negativos dominam sobre positivos. Mais uma vez, se confirma a desvalorização por parte destas, o que está de acordo com os estudos de Anderson et al (2001).

Tratam-se de grupos que não dispensam o uso de mecanismos de defesa, principalmente a idealização e a negação que predominam no grupo de controlo.

Vítimas de Bullying e Participantes Neutros

Através dos resultados obtidos, foi possível dar resposta ao problema do presente trabalho, verificando-se que as vítimas de bullying e os participantes neutros percebem as suas relações familiares de forma diferente.

No grupo de controlo, os participantes encaram a sua família como um todo, envolvendo-se com todos os seus elementos de uma forma positiva (Out + e In +). O mesmo não se observa nas vítimas de bullying, cujo agregado familiar parece sofrer a exclusão da figura paterna.

Divergências à parte, fica claro que a Mãe se assume como o elemento familiar que mais importância tem na vida destes pré-adolescentes, sejam eles vítimas ou não.

A chegada à pré-adolescência não altera a relação entre Mãe e filho, tornando-a distante, até porque existe uma tendência nas sociedades ocidentais para encorajar uma maior intimidade na relação com a Mãe, do que na relação com o Pai (Youniss & Smollar, 1985).

Os participantes neutros mantêm uma relação saudável com a Mãe, onde predominam os sentimentos positivos de ambas as partes, ao contrário das vítimas de bullying que são altamente dependentes desta, o que é consistente com os estudos de Olweus (1992).

A ausência física do Pai enquanto figura de triangulação é recorrente no grupo das vítimas, levando-as a prolongar a existência de uma relação de dependência com a Mãe, funcionando como um impeditivo da individualidade própria (Malpique, 1998).

A super-protecção materna impera no grupo das vítimas e a indulgência paterna no grupo de controlo. A indulgência materna aproxima-se em ambos os grupos. A indulgência entre os pais é mais elevada no grupo de controlo, o que revela que os participantes deste grupo percebem uma boa relação dos pais enquanto casal. As vítimas discordam, pois a

ausência física do Pai substitui a conceptualização dos pais enquanto casal pela relação erotizada com a Mãe, que favorece a manutenção de fantasias edípicas (Malpique, 1998).

Os Irmãos são muito mais valorizados no grupo de controlo, ao passo que as vítimas de bullying tendem a relacionar-se com estes de um modo ambivalente, encarando-os como bons e maus simultaneamente, o que está de acordo com Zimmerman (1999). Existe portanto, uma rivalidade fraterna (Malpique, 1998), marcada pela fraca interacção entre Irmãos, o que potencia o isolamento das vítimas.

A adolescência é uma fase de expressão narcísica, em que o jovem investe em si próprio para se proteger da desvalorização causada pela perda da protecção parental. Este narcisismo deve mobilizar a autonomia e a identidade (Sampaio, 1994), o que não se verifica nas vítimas de bullying, que pela fraca auto-atribuição de sentimentos, dão provas da inexistência de investimento no Eu, o que não acontece nos participantes neutros.

Face a um teste em que a vida familiar real fica demasiado exposta, raro é o indivíduo que não se “arme” de mecanismos de defesa para lutar contra os próprios conflitos internos e os conflitos familiares. A negação e a idealização surgem nos dois grupos, especialmente no grupo de controlo. Estes sujeitos preocupam-se mais em preservar a família, idealizando-a. Assim, dirigem a maioria dos sentimentos negativos para o Sr. Ninguém não se confrontando com o sentimento de culpa.

Os resultados obtidos não podem ser generalizados para a população, devido à dimensão da amostra que é bastante limitada. Foram várias as dificuldades encontradas na sua recolha.

Os questionários para identificar as vítimas foram aplicados num contexto de sala de aula o que pode ter tido influência nas respostas. Assim, para tentar reduzir estes efeitos, contou-se com a ajuda de professores e auxiliares para uma identificação mais precisa dos participantes em estudo.

Todavia, foi possível retirar importantes conclusões. Apesar da Mãe se apresentar como a figura que mais importância tem para os pré-adolescentes em estudo, a percepção das relações familiares difere nos dois grupos. As vítimas de bullying percebem a sua família de uma forma fragmentada. Independentemente do Pai estar presente fisicamente ou não, é excluído do agregado familiar, do qual apenas fazem parte os Irmãos e a Mãe. É com esta que mantêm uma ligação mais forte, caracterizada pela dependência. Pelo contrário, os participantes neutros consideram pertencer a uma família harmónica, onde todos os seus membros se envolvem, tendo o amor como base.

A Mãe das vítimas é super-protectora, o que dificulta o desenvolvimento da autonomia e interfere com a sua inserção no grupo de pares (Finnegan et al, 1998), que tão importante é para a separação dos pais (Relvas, 1996). O Pai não fornece qualquer tipo de suporte, como seria suposto (Blos, 2003), reunindo-se assim, todas as condições para uma dependência prolongada da Mãe e conseqüente bloqueio do desenvolvimento psicológico (Fleming, 1993). Doravante, com o aumento da idade, assiste-se a um decréscimo desta dependência, levando-nos a sugerir que a vitimação por bullying em idades tardias pode não ser tão prejudicial para o processo de individuação como em idades mais precoces.

Comparativamente com os participantes neutros, as vítimas envolvem-se menos com os Irmãos e fazem-no de um modo ambivalente, o que nos permite concluir que além do isolamento a que se sujeitam na escola (Olweus, 1997), também se isolam um pouco na própria casa, como se a Mãe fosse a única pessoa capaz de lhes transmitir segurança.

O bullying é um fenómeno em expansão não só em Portugal como no resto do mundo. Acarreta várias conseqüências para todos os intervenientes, sejam vítimas, agressores ou bullies-vítimas, sugerindo-se por isso que se alargue a investigação no sentido de compreender as suas relações familiares e analisar a percepção das mesmas. Estes estudos deveriam abranger amostras de maiores dimensões, de forma a conseguir uma visão mais ampla desta problemática, contribuindo para uma possível prevenção e intervenção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Anderson, M., Kaufman, J., Simon, T., & Barrios, L. (2001). School-associated violent deaths in the United States, 1994-1999. *JAMA*, 286, 695-702.
- Bene, E., & Anthony, J. (1957). *Manual for the Family relations test*. London: National Foundation for Education Research.
- Berdondini, L., & Smith, P. (1996). Cohesion and power in the families of children involved in bully/victim problems at school: an Italian replication. *Journal of Family Therapy*, 18, 99-102.
- Blos, P. (1966). *On adolescence: A psychoanalytic interpretation* (1ªed.). New York: The Free Press.
- Blos, P. (2003). *La transición adolescente* (2ª ed.). Madrid: Amorrortu Editores.
- Bowers, L., Smith, P. & Binney, V. (1994). Perceived family relationships of bullies, victims and bully/victims in middle childhood. *Journal of Social and Personal Relationships*, 11, 215-232.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss: attachment* (Vol. I). Middlesex: Penguin Books.
- Braconnier, A., & Marcelli, D. (2000). *As mil faces da adolescência* (1ª ed.). Lisboa: Climepsi Editores.
- Branco, C. (2006). *Criança intimidante: estudo exploratório do comportamento Agressivo*. Tese de Mestrado em Psicologia Clínica, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.
- Carvalhosa, S., Lima, L., & Matos, M.G. (2001). Bullying – a provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português. *Análise Psicológica*, 4 (19), 523- 537.
- Coleman, J. (1980). Friendship and the peer group in adolescence. In J. Adelson,

- Handbook of Adolescent Psychology* (pp. 408-429). New York: John Wiley & Sons.
- Constanzo, P., & Shaw, M. (1966). Conformity as a function of age level. *Child Development*, 37, 967-975.
- Cordeiro, D. (1979). *O adolescente e a família*. Lisboa: Moraes Editores.
- Egan, S., & Perry, D. (1998). Does low self-regard invite victimization? *Developmental Psychology*, 34 (2), 229-309.
- Feekes, M., & Pijpers, F. (2005). Verloove-vanhorick bullying: Who does what, when and where? Involvement of children, teachers and parents in bullying behavior. *Health Research*, 20, 81-91.
- Ferreira, J., & Ferreira, A. (2000). A adolescência e o grupo de pares. In T. Medeiros, *Adolescência: Abordagens, investigações e contextos de desenvolvimento* (pp. 199-209). Lisboa: Direcção Regional de Educação.
- Finnegan, R. A., Hodges, E. V., & Perry, D. G. (1998). Victimization by peers: Associations with children's reports of mother-child interaction. *Journal of Personality and Social Psychology*, 75(4), 1076-1086.
- Fleming, M. (1997). *Adolescência e autonomia: O desenvolvimento psicológico e a relação com os pais*. Porto: Afrontamento.
- Frost, B. (1969). Family Relations Test – a normative study. *Journal of Projective Techniques and Personality Assessment*, 33 (5), 409-413.
- Gronlund, N., & Anderson, L. (1957). Personality characteristics of socially accepted, socially neglected and socially rejected junior-high-school pupils. *Educational Administration and Supervision*, 43, 329-338.
- Houzel, D., Emmanuelli, M., & Moggio, F. (2004). *Dicionário de psicopatologia da*

criança e do adolescente (2004). Lisboa: Climepsi.

Josselson, R. (1980). Ego development in adolescence. In J. Adelson, *Handbook of Adolescent Psychology* (pp. 188-210). New York: John Wiley & Sons.

Kauffman, J. (1971). FRT responses of disturbed and normal boys-additional comparative data. *Journal of Personality Assessment*, 35 (2), 128-138.

Kochanska, G. (1995). Children's temperament, mothers' discipline and security of attachment: Multiple pathways to emerging internalization. *Child Development*, 66, 597-615.

Kuhlen, R., & Lee, B. (1943). Personality characteristics and social acceptability in adolescence. *Journal of Educational Psychology*, 34, 321-340.

Malpique, C. (1998). *A ausência do pai* (3ª ed.). Porto: Afrontamento.

Marcelli, D., & Braconnier, A. (2005). *Adolescência e psicopatologia*. Lisboa: Climepsi.

Martins, M. J. (2005). Agressão e vitimação entre adolescentes, em contexto escolar: Um estudo empírico. *Análise Psicológica*, 4 (23), 401-425.

Moller, L., Hymel, S., & Rubin, K. (1992). Sex typing in play and popularity in middle childhood. *Sex Roles*, 26, 331-353.

Neto, A. (2005). Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, 81 (5), 164-172.

Olweus, D. (1980). Familial and temperamental determinants of aggressive behavior in adolescent boys: A casual analysis. *Child Development*, 16, 644-660.

Olweus, D. (1992). Victimization by peers: antecedents and long-term outcomes. In K. Rubin, & J. Asendorpf (Eds.), *Social withdrawal, inhibition and shyness in childhood* (pp. 315-341). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

- Olweus, D. (1997). Tackling peer victimization with a school-based intervention program. In D. P. Fry, & K. Bjorkqvist (Eds.), *Cultural variation in conflict resolution: alternatives to violence* (pp. 215-229). Mahwah: Lea.
- Pereira, B.O., Almeida, A., T., Valente, L., & Mendonça, D. (1996). O bullying nas escolas portuguesas: análise de variáveis fundamentais para a identificação do problema. *Congresso galaico-português de psicopedagogia*, 71-81.
- Piaget, J., & Inhelder, B. (1993). *A psicologia da criança*. Lisboa: ASA.
- Prinstein, M., Boergers, J., & Vernberg, M. (2001). Overt and relational aggression in adolescents: Social-psychological adjustment of aggressors and victims. *Journal of Clinical Child Psychology*, 30, 479-491.
- Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família. Perspectiva sistémica*. Porto: Afrontamento.
- Renken, B., England, B., Marvinney, D., & Sroufe, L. (1989). Early childhood antecedents of aggression and passive-withdrawal in elementary school. *Journal Personality*, 57, 257-281.
- Rigby, K. (1994). Psychosocial functioning in families of Australian adolescent schoolchildren involved in bully/victim problems. *Journal of Family Therapy*, 16, 173-187.
- Sampaio, D. (1994). *Inventem-se novos pais* (3ª ed.). Lisboa: Caminho.
- Santrock, J. (1970). Paternal absence, sex typing and identification. *Developmental Psychology*, 2 (2), 264-272.
- Smith, P., Madsen, K., & Moody, J. (1999). What causes the age decline in reports of being bullied at school? Towards a developmental analysis of risks of being bullied. *Educational Research*, 41 (3), 267-285.

- Smokowski, P., & Kopasz, H. (2005). Bullying in school: An overview of types, effects, family characteristics and intervention strategies. *Children in schools*, 27 (2), 101-110.
- Steinberg, L. (1981). Impact of puberty on family relations: Effects of pubertal status and pubertal timing. *Development Psychology*, 23 (3), 451-460.
- Wheeler, D. (1961). Popularity among adolescents in Western Australia and in the United States of America. *The Scholl Review*, 49, 67-81.
- Youniss, J., & Smollar, J. (1985). *Adolescent relation with mothers, fathers and friends*. Chicago: University of Chicago Press.
- Zimerman, D. E. (1999). *Fundamentos psicanalíticos – teoria, técnica e clínica*. São Paulo: Artes Médicas.

ANEXOS

Anexo A: Questões da Escala «Comportamento e Saúde
em Jovens em Idade Escolar»

Questões da Escala «Comportamento e Saúde em Jovens em Idade Escolar», adaptada por
Matos, Simões, Carvalhosa, Reis e Canha (2000)

Nº de Aluno _____ Data de Nascimento _____
Sexo _____ Nº de irmãos _____

«As questões que se seguem dizem respeito a situações de provocação. Deves entender uma acção de provocação quando um aluno (mais velho ou mais forte), ou um grupo de alunos, dizem ou fazem coisas desagradáveis a outro ou gozam com ele de uma forma que ele não gosta nada. Não é provocação quando dois alunos da mesma idade ou tamanho se envolvem numa discussão ou briga.»

Quantas vezes neste ano lectivo,

(a) «Foste provocado na escola.»

1. Nenhuma
2. Uma vez
3. Duas vezes
4. Três vezes
5. Várias vezes durante a semana

(b) «tomaste parte em provocações a outros estudantes.»

1. Nenhuma
2. Uma vez
3. Duas vezes
4. Três vezes
5. Várias vezes durante a semana

Anexo B: Declaração de Consentimento Informado

Declaração de Consentimento Informado

Eu concordo que o meu educando participe num estudo sobre vítimas de bullying. O objectivo deste estudo é conhecer as percepções que as vítimas de bullying têm das suas relações familiares. Percebo que este estudo é pertinente, por se tratar de um tema que assume proporções crescentes em Portugal, sendo por isso importante expandir as investigações nesta área.

Aceito a sua participação neste estudo por aproximadamente 45 minutos. A participação no estudo envolve a resposta a duas questões sobre bullying, seguindo-se a realização de um teste.

Toda a informação recolhida será mantida confidencial. Se os resultados forem publicados, a minha identidade será mantida anónima, e apenas os resultados do grupo serão revelados. Nenhum dado individual ou identificatório será publicado.

Eu compreendo que a participação neste estudo é voluntária e que mesmo que inicialmente permita a sua participação, posso mais tarde mudar de ideia e desistir do estudo.

A minha assinatura em baixo indica que li, compreendi e aceitei a informação contida nesta declaração. Quaisquer questões que tive foram esclarecidas de forma clara e satisfatória. Um cópia desta declaração de consentimento ser-me-á disponibilizada se eu assim quiser.

Encarregado de Educação _____ Data_____

Participante_____ Data_____

Investigador_____ Data_____

Anexo C: Distribuição dos Itens no Grupo Teste

Distribuição dos Itens												
	11 Anos						13 Anos					
	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
Ninguém	33	14	18	34	22	21	28	18	21	25	35	15
Eu	8	15	14	17	9	15	17	10	7	10	11	10
Mãe	11	9	44	37	17	35	17	20	19	12	16	19
Pai	18	4	30	29	0	11	6	18	4	10	11	18
Irmão 1	13	5	16	40	21	12	19	23	26	29	16	27
Irmão 2	---	5	----	----	16	----	----	----	----	----	----	----

	11 Anos	Outgoing				
		Ninguém	Eu	Mãe	Pai	Irmãos
P O S I T I V O	1	3	0	3	5	2
	2	2	0	3	0	1
	3	1	1	16	2	1
	4	2	4	11	8	11
	5	0	0	5	0	4.5
	6	1	0	14	2	4
	Média	1.5	0.8	8.7	2.8	3.9
N E G A T I V O	1	10	0	1	2	5
	2	4	1	0	2	1
	3	5	1	0	10	1
	4	14	0	0	0	4
	5	6	0	2	0	5.5
	6	6	0	7	2	3
	Média	7.5	0.3	1.7	2.7	3.3
		Incoming				
P O S I T I V O	1	3	0	5	6	2
	2	1	0	2	0	1
	3	0	0	16	2	2
	4	3	0	13	7	7
	5	1	0	9	0	2
	6	1	0	11	4	1
	Média	1.5	0	9.3	3.2	2.5
N E G A T I V O	1	10	0	1	4	1
	2	4	0	3	0	1
	3	9	0	1	6	0
	4	10	0	0	1	5
	5	10	0	1	0	2.5
	6	12	0	2	3	0
	Média	9.2	0	1.3	2.3	1.6

		13 Anos	Outgoing				
			Ninguém	Eu	Mãe	Pai	Irmãos
P O S I T I V O	1	4	1	8	2	3	
	2	2	0	0	10	6	
	3	5	0	7	0	2	
	4	7	0	3	4	2	
	5	3	0	5	5	5	
	6	2	0	3	2	11	
	Média	3.8	0.2	4.3	3.8	4.8	
N E G A T I V O	1	8	4	0	0	6	
	2	7	0	10	0	1	
	3	1	0	0	2	14	
	4	6	0	1	4	6	
	5	17	0	0	0	1	
	6	3	0	6	9	0	
	Média	7	0.7	2.8	2.5	4.7	
		Incoming					
P O S I T I V O	1	3	0	7	4	3	
	2	3	0	0	8	7	
	3	5	0	10	0	0	
	4	3	0	5	1	7	
	5	1	0	6	5	4	
	6	3	0	1	0	13	
	Média	3	0	4.8	3	5.7	
N E G A T I V O	1	9	0	1	0	6	
	2	6	0	10	0	0	
	3	5	0	2	2	7	
	4	9	0	2	1	3	
	5	10	0	4	1	0	
	6	5	0	5	6	0	
	Média	7.3	0	4	1.7	2.7	

		Dependência 11 Anos				
		Ninguém	Sujeito	Pai	Mãe	Irmãos
S P M	1	0	8	0	0	3
	2	0	8	0	0	0
	3	0	6	5	5	7
	4	2	6	6	6	6
	5	0	6	0	0	1.5
	6	1	7	0	0	2
	Média	0.5	6.8	1.8	1.8	3.3
I P	1	4	0	0	1	0
	2	1	3	2	1	1
	3	2	2	2	3	2
	4	2	3	3	3	3
	5	5	0	0	0	0
	6	0	4	0	1	0
	Média	2.3	2	1.2	1.5	1
I M	1	3	0	1	0	0
	2	2	3	0	0	0
	3	1	4	3	3	3
	4	1	4	4	4	4
	5	0	3	0	0	2.5
	6	0	4	0	0	2
	Média	1.2	3	1.3	1.2	1.9

		Dependência 13 Anos				
		Ninguém	Sujeito	Pai	Mãe	Irmãos
S P M	1	0	8	0	0	0
	2	0	5	0	0	4
	3	0	6	0	0	1
	4	0	6	0	0	4
	5	0	6	0	0	3
	6	0	8	0	0	0
	Média	0	6.5	0	0	2
I P	1	4	0	0	1	0
	2	0	5	0	0	0
	3	5	0	0	0	0
	4	0	1	0	1	4
	5	4	0	0	1	0
	6	1	0	0	4	0
	Média	2.3	1	0	1.2	0.7
I M	1	0	4	0	0	1
	2	0	0	0	0	5
	3	0	1	0	0	2
	4	0	3	0	0	3
	5	0	5	0	0	3
	6	1	2	1	0	3
	Média	0.2	2.5	0.2	0	2.8

Anexo D: Distribuição dos Itens no Grupo de Controlo

Distribuição dos Itens												
	11 Anos						13 Anos					
	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
Ninguém	16	43	31	21	37	41	34	38	35	25	39	34
Sujeito	14	6	13	20	6	13	6	4	7	7	9	7
Mãe	21	20	23	28	12	17	18	16	15	22	23	16
Pai	24	2	23	22	16	23	25	18	14	35	21	15
Irmão 1	15	11	16	17	24	31	18	10	29	33	19	5
Irmão 2	23	6	24	31	----	----	----	----	----	----	----	10
Irmão 3	23	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----

	11 Anos	Outgoing				
		Ninguém	Eu	Mãe	Pai	Irmãos
P O S I T I V O	1	0	2	5	6	4.7
	2	4	1	8	0	3
	3	1	1	8	9	5.5
	4	1	9	8	11	6
	5	1	0	4	6	9
	6	4	3	6	8	9
	Média	1.8	2.7	6.5	6.7	6.2
N E G A T I V O	1	10	2	1	3	0.7
	2	15	0	1	0	1
	3	17	0	0	1	0
	4	7	4	5	1	1
	5	15	1	0	0	2
	6	14	0	1	0	3
	Média	13	1.2	1.3	0.8	1.3
		Incoming				
P O S I T I V O	1	1	1	8	4	2.3
	2	3	0	9	0	2
	3	1	0	8	7	2
	4	0	0	8	8	8
	5	1	0	8	7	6
	6	4	0	6	6	7
	Média	1.7	0.2	7.8	5.3	4.6
N E G A T I V O	1	5	1	5	6	1.7
	2	10	0	2	2	0.5
	3	12	0	2	1	0.5
	4	12	0	4	1	0
	5	13	0	0	3	0
	6	12	0	2	1	1
	Média	10.7	0.2	2.5	2.3	0.6

	13 Anos	Outgiong				
		Ninguém	Eu	Mãe	Pai	Irmãos
P O S I T I V O	1	1	1	7	6	5
	2	6	0	6	6	0
	3	2	2	7	3	10
	4	1	4	5	11	7
	5	3	5	7	7	6
	6	0	3	8	4	2
	Média	2.2	2.5	6.7	6.2	5
N E G A T I V O	1	14	0	1	3	0
	2	12	1	0	0	5
	3	12	0	0	1	5
	4	9	0	4	5	6
	5	15	0	2	0	1
	6	13	1	0	1	1.5
	Média	12.5	0.3	1.2	1.7	3.1
		Incoming				
P O S I T I V O	1	2	0	5	9	3
	2	5	0	5	6	0
	3	2	0	8	7	3
	4	2	1	8	12	5
	5	2	0	7	9	2
	6	2	0	7	3	2
	Média	2.5	0.2	6.7	7.7	2.5
N E G A T I V O	1	11	0	1	4	1
	2	12	0	1	0	3
	3	10	1	0	2	3
	4	9	0	4	5	3
	5	13	0	2	2	1
	6	11	0	0	4	0.5
	Média	11	0.2	1.3	3	1.9

		Dependência 11 Anos				
		Ninguém	Sujeito	Pai	Mãe	Irmãos
S P M	1	0	3	3	1	5
	2	5	3	0	0	1
	3	0	3	2	1	3.5
	4	0	3	0	0	4
	5	0	3	0	0	6
	6	2	5	5	0	6
	Média	1.2	3.3	1.7	0.3	4.3
I P	1	0	1	0	1	2.3
	2	4	0	0	0	0.5
	3	0	5	0	4	4
	4	0	2	0	3	3
	5	4	1	0	0	0
	6	3	2	0	2	2
	Média	1.8	1.8	0	1.7	2
I M	1	0	4	2	0	3.7
	2	2	2	0	0	0.5
	3	0	4	3	0	4.5
	4	1	2	1	0	2
	5	3	1	0	0	1
	6	2	3	3	0	3
	Média	1.3	2.7	1.5	0	2.5

		Dependência 13 Anos				
		Ninguém	Sujeito	Pai	Mãe	Irmãos
S P M	1	3	2	1	0	5
	2	1	2	3	0	2
	3	2	3	0	0	5
	4	4	1	1	0	2
	5	4	2	1	0	4
	6	1	2	2	0	1.5
	Média	2.5	2	1.3	0	3.3
I P	1	1	2	0	4	2
	2	1	0	0	4	0
	3	4	0	0	0	1
	4	0	0	0	1	5
	5	0	1	0	5	3
	6	4	0	0	1	0
	Média	1.7	0.5	0	2.5	1.8
I M	1	2	1	2	0	2
	2	1	1	3	0	0
	3	3	1	1	0	2
	4	0	1	1	0	5
	5	2	1	2	0	2
	6	3	1	1	0	0
	Média	1.8	1	1.7	0	1.8

Anexo E: Protocolo FRT de uma Vítima de Bullying

Bene-Anthony FAMILY RELATIONS TEST

SCORING SHEET FOR OLDER CHILDREN

Name	
Age11.....	Sexher cousin.....

Name, Age, Sex of siblings:

1.....(11, 80, 5, 5).....	2.....
3.....	4.....
5.....	6.....

Others in childhood family:

1.....	2.....
3.....	4.....

This work may not be reproduced by any means, even within the terms of a Photocopying Licence, without the written permission of the publisher.

2 (6.94)



© Institute of Psychiatry
Published by The NFER-NELSON Publishing Company Ltd
2 Oxford Road East, Windsor, Berkshire SL4 1DF.

Code 4012 09 6

